

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Luciane Dias da Silva

“O que foi mesmo a Pandemia?”

O olhar de adolescentes da Brasilândia sobre o período pandêmico no
Brasil

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

São Paulo

2024

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Luciane Dias da Silva

“O que foi mesmo a Pandemia?”

O olhar de adolescentes da Brasilândia sobre o período pandêmico no
Brasil

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestra em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Szymanski Ribeiro Gomes.

São Paulo

2024

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -Ficha

Silva, Luciane Dias da
O que foi mesmo a pandemia? O olhar de adolescentes da
Brasilândia sobre o período pandêmico no Brasil. / Luciane
Dias da Silva. -- São Paulo: [s.n.], 2024.
85p. ; cm.

Orientador: Luciana Szymanski.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação:
Psicologia da Educação.

1. Adolescentes periféricos. 2. Período Pandemico. 3.
Enfrentamentos. 4. Fenomenologia. I. Szymanski, Luciana.
II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa
de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação.
III. Título.

CDD

Banca Examinadora

À toda juventude que deseja romper o ciclo, furar a bolha e se permite sonhar.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que foi a minha maior incentivadora nesse processo, meu porto seguro e o meu lugar preferido, onde eu buscava aconchego e forças para continuar. Ela é meu maior exemplo.

A minha pequena Lara que quando eu chegava em casa esgotada, cansada e desesperançosa, ela curava minha alma apenas com um sorriso.

Ao Daniel, que me inseriu no “mundinho adolescente” e sempre me alertava: *“Mãe, não é assim que os jovens pensam”*. Ele me ensinava todos os dias, como lidar com esse público tão desafiador.

À Luciana, que acreditou em mim, mesmo quando eu mesma não acreditava. Me incentivou, me ajudou e fez por mim muito mais que qualquer outro orientador faria. Sem ela eu não teria conseguido.

À Dra. Heloisa Szymanski, por todas as ricas formações que tive o privilégio de participar antes do mestrado e por sutilmente me inserir no mundo da pesquisa, da fenomenologia, tornando-se a ponte para que eu conhecesse o grupo ECOFAM.

Ao Ivo que me inseriu no território e foi o responsável pela maior parte da minha experiência profissional. Mesmo com seu ‘jeitinho meio rude’, foi meu incentivador, amigo e conselheiro. Todo e qualquer problema que eu encontrava no caminho, ele me chamava na ‘salinha de reunião’ e simplesmente me ouvia e conversávamos durante horas sobre suas teorias filosóficas e nossos modos distintos de ver a vida.

À Branca e a toda equipe do CCA Enrico Giusti, por sempre me receber tão bem, com muita empatia e ótimos cafés.

Ao governo Lula, que me deu a oportunidade de ingressar no curso superior por meio do ProUni, me permitindo sonhar e agora realizar essa pós-graduação.

À comissão de bolsas do programa.

Ao CNPq pela concessão da bolsa, sem ela, essa pesquisa não seria possível.

À Banca examinadora, por todo auxílio e orientação.

*“Todo grande sonho começa com um sonhador.
Lembre-se sempre, você tem dentro de você a força,
a paciência e a paixão para alcançar as estrelas,
para mudar o mundo.”*

— Harriet Tubman

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa fenomenológica de caráter interventivo, dialógico e participativo, desenvolvida pelo grupo de pesquisas ECOFAM da PUC-SP. Seu objetivo principal é compreender quais foram os principais enfrentamentos de adolescentes periféricos pós pandemia do COVID-19 e compartilhá-los com a comunidade acadêmica. Seu objetivo específico é abordar essa temática a partir da perspectiva de adolescentes moradores do território da Brasilândia: Investigar como essa juventude vivenciou esse período a partir de suas próprias narrativas, utilizando-se dos fundamentos metodológicos da Fenomenologia. Para alcançar esses objetivos, foram realizadas durante dois anos, diversas intervenções no Centro para Crianças e Adolescentes - CCA Enrico Giusti, desde atividades de interação da pesquisadora com o público-alvo, rodas de conversas e entrevistas reflexivas realizadas grupo. Essas entrevistas foram transcritas e analisadas a partir da análise hermenêutica de sentido. Dessa forma, as narrativas foram organizadas em "constelações" e em "unidades de sentido". Com os resultados dessa pesquisa, se abrem diversas possibilidades para que outras intervenções e pesquisas possam ser realizadas neste território, além de se tornar um espaço de voz e empoderamento à essa juventude.

Palavras chave: Adolescência; Periferia; Pós-pandemia; Enfrentamentos; Fenomenologia

ABSTRACT

This work is a phenomenological research of an interventional, dialogical, and participatory nature, conducted by the ECOFAM research group at PUC-SP. Its main objective is to understand the main challenges faced by peripheral adolescents post-COVID-19 pandemic and share them with the academic community. Its specific aim is to address this theme from the perspective of adolescents residing in the “*Brasilândia*” territory: Investigating how this youth experienced this period through their own narratives, using the methodological foundations of Phenomenology. To achieve these objectives, various interventions were carried out over two years at the Center for Children and Adolescents – “*CCA Enrico Giusti*”, including activities where the researcher interacted with the target audience, group discussions, and reflective interviews. These interviews were transcribed and analyzed through hermeneutical analysis of meaning. Thus, the narratives were organized into “constellations” and “units of meaning.” With the results of this research, numerous possibilities open up for other interventions and studies to be conducted in this territory, becoming a space for the voice and empowerment of this youth.

Keywords: Adolescence; Periphery; Post-pandemic; Challenges; Phenomenology

LISTA DE SIGLAS

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ProUni – Programa Universidade para Todos

CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

CCA – Centro para Crianças e Adolescentes

SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social

OSC – Organização Social Contratada

UNIVESP – Universidade Virtual do Estado de São Paulo

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

CEIs – Centros de Educação Infantil

PPP – Projeto Político Pedagógico

PPP-P - Projeto Político Pedagógico Participativo

ECOFAM - Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional na Escola, Família e Comunidade

PIPEq – Plano de Incentivo à Pesquisa

COVID-19 - Coronavirus Disease (Doença do Coronavírus) - 2019

PJU – Programa Jovens Urbanos

OMS – Organização Mundial da Saúde

CadUnico – Cadastro Único Social

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Periferias: Uma breve linha do tempo de como surgiram	22
Figura 2 - Dados demográficos de distritos das Subprefeituras de São Paulo	27
Figura 3 – Quadro de constelações e unidades de sentido	37
Figura 4 – Unidades de sentido da constelação “Enfrentamentos”.....	38
Figura 5 – Falas da unidade de sentido “Ausência das medidas restritivas que evitavam a proliferação do COVID-19”	39
Figura 6 - Falas da unidade de sentido “Situação socioeconômica desfavorável (Desemprego e renda)”	41
Figura 7 – Unidades de sentido da constelação “Resistências”	42
Figura 8 - Falas da unidade de sentido “Mobilização social na comunidade”	43
Figura 9 - Falas da unidade de sentido “Empreendedorismo”	45
Figura 10 – Unidades de sentido da constelação “Impactos pós-pandêmicos”	46
Figura 11 - Falas da unidade de sentido “Adolescentes que não recordam da pandemia”	47
Figura 12 - Falas da unidade de sentido “Retomada das atividades escolares”	48
Figura 13 - Falas da unidade de sentido “Luto”	50

SUMÁRIO

Apresentação: Trajetória de vida rumo ao problema de pesquisa	14
1 - Um retrato das Periferias no Brasil	22
1.1 - Localizando historicamente a questão das violências nas periferias: Especificidades da Pandemia	23
1.2 - Localizando historicamente a questão das violências nas periferias: Especificidades da Brasilândia	26
2 - Método: Sobre o pensamento fenomenológico	30
2.1 - Sobre a pesquisa dialógica e participativa	32
2.2 - Participantes	34
2.3 - Procedimentos: Entrevistas Reflexivas	34
2.3.1 - Entrevistas reflexivas coletivas: Como foram realizadas	35
2.4 – Rodas de conversa	36
3 - Análise	38
3.1 – Enfrentamentos	39
3.1.1 - Ausência das medidas restritivas que evitavam a proliferação do COVID-19	40
3.1.2 - Situação socioeconômica desfavorável (Desemprego e renda)	41
3.1.3 – Aumento de violências	43
3.2 – Resistências	45
3.2.1 – Mobilização social na comunidade	46
3.2.2 – Empreendedorismo	47
3.3 – Impactos pós-pandêmicos	49
3.3.1 – Adolescentes que não se recordam da pandemia	49

3.3.2 – Retomada das atividades escolares	51
3.3.3 – Luto	52
4 - Considerações finais	54
5 - Referências	55
6 – Anexos	57
Transcrição das entrevistas	57
Quadro completo de trechos separados em constelações e unidades de sentido	73
Fotos que registram o trabalho social realizado por organizações sociais durante a pandemia na Brasilândia em 2020	81
Fotos de algumas atividades realizadas com os adolescentes do CCA durante a realização da pesquisa	82

Apresentação: Trajetória de vida rumo ao problema de pesquisa

“Fiz a escalada da montanha da vida removendo pedras e plantando flores.” (Cora Coralina)

Pesquisar sobre as trajetórias de uma juventude periférica buscando abordar e enfatizar a complexidade de suas existências e resistências é fruto de parte da minha história de vida. Nascer e crescer na Brasilândia me fez refletir e sentir por diversas vezes como é ser vítima de um sistema capitalista, desigual e injusto com a classe trabalhadora. A relevância de abordar essa temática neste período da adolescência se justifica pelo fato de que é na adolescência que as questões sociais se evidenciam e mostram-se as desvantagens educacionais, sociais e culturais das diferentes classes. Backer (1999) descreve esse fenômeno da seguinte forma:

As desigualdades e a injustiça social se refletem profundamente na adolescência. O jovem de classe mais pobre já chega à adolescência com grandes desvantagens: atravessa-a com muita dificuldade, frequentemente sem poder nem sequer pensar em conflitos familiares, sexuais ou mudanças no corpo, pois têm necessidades básicas mais prementes a serem resolvidas, como conseguir roupa e comida. (BACKER, 1999, pág. 59).

A Brasilândia é uma região histórica, que se estabeleceu na Zona Norte de São Paulo, a partir de ocupações irregulares. Meus pais chegaram neste território na década de 80, onde criaram seus cinco filhos. Embora não tivessem concluído a educação básica naquela época e sem condições financeiras de custear os estudos dos filhos, sempre incentivavam e sonhavam em vê-los ingressando no ensino superior. Eles diziam: “dê valor aos seus estudos, porque só assim vocês serão alguém na vida”. O termo *ser alguém na vida* para os meus pais, significava de forma simplificada, ter um bom emprego, uma profissão, uma vida financeira estável e para isso, associavam essa possibilidade ao investimento e dedicação aos estudos. Desde então, suas palavras nortearam toda minha vida.

Minha trajetória como uma jovem que decidiu romper o ciclo vicioso que predestina o futuro da maioria das pessoas que pertenciam ao meu convívio social não foi fácil. Foram muitos enfrentamentos vivenciados por mim neste percurso, enfrentamentos que são comuns

entre jovens periféricos, oriundos de escolas públicas periféricas, que vale ressaltar, são afetados negativamente no desenvolvimento educacional. Pela lei da sobrevivência, dedicar-se exclusivamente aos estudos é um privilégio que eu não tive, um privilégio que essa juventude não tem, pois em muitos casos, é ainda na infância que o trabalho se torna cada vez mais necessário devido às situações socioeconômicas precárias das famílias.

Em geral, os jovens do sexo masculino, desde cedo, por volta dos 12 e 14 anos já começam a trabalhar para ajudar a compor a renda da família. Muitos acabam não conseguindo conciliar o trabalho aos estudos e acabam abandonando a escola no ensino médio e até mesmo no ensino fundamental. As meninas, muitas vezes, precisam privar-se dos estudos para ajudar as com as tarefas de casa, cuidar de irmãos menores e ainda, em alguns casos, enfrentam situações típicas como a gravidez precoce, violência doméstica, etc. E quando digo trabalho, não me refiro aos programas de jovem aprendiz, cujos programas garantem ao jovem a permanência no sistema educacional, direitos trabalhistas, carga horária máxima de 30 horas semanais; refiro-me ao trabalho informal, jovens à mercê do tráfico, da exploração trabalhista, da prostituição, trabalhos noturnos, etc. Em muitos casos, adolescentes e jovens, quando confrontados com todas essas obrigações, optam por abandonar os estudos, fato que é estatisticamente comprovado na Síntese de Indicadores Sociais realizada em 2019, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa síntese mostra que a renda é o principal fator que determina os percentuais de evasão escolar de jovens com idades entre 15 e 17 anos.

Na evasão escolar, 11,8% dos jovens mais pobres tinham abandonado a escola sem concluir o ensino médio em 2018. Esse percentual é oito vezes maior que o dos jovens mais ricos (1,4%). No país, cerca de 737 mil pessoas nessa faixa de idade estavam nessa situação no ano passado. Os dados são da Síntese de Indicadores Sociais 2019, divulgada hoje pelo IBGE. Com um percentual de 7,6% para o país, a evasão dos adolescentes atingia 9,2% no Norte e Nordeste e era menor no Sudeste (6%). O fenômeno era maior na zona rural (11,5%) do que na urbana (6,8%), entre homens (8,1%) do que mulheres (7%) e era maior entre pretos ou pardos (8,4%) do que brancos (6,1%). (IBGE, 2019).

Nos lugares que eu frequentava, era nítido o olhar estereotipado para "a favelada", "marginal", "menina pobre", "mãe adolescente", demonstrados nas falas das pessoas: "coitada", "tadinha", "tão novinha", "perdeu a juventude" era comum. Na escola não era difícil notar a falta de empenho de professores ao lecionar aulas para "esses jovens". Em uma

aula de matemática, cheguei a presenciar falas de uma professora que dizia: “Pobre não tem direito de sonhar não gente, pobre tem que ter o pé no chão”, “A USP não é pra vocês não, vocês têm que trabalhar”. Os alunos lidavam com situações em que professores se dirigiam a eles como “mal-educados”, “desinteressados” e “marginais”. Mas o olhar estereotipado também é externo. A subprefeitura que não investe verbas públicas na manutenção de quadras e ruas do território, escolas sucateadas e abandonadas pela falta de investimento público para garantir uma melhor infraestrutura: quadras quebradas sem condições de uso, banheiros sujos e quebrados, falta de produtos de higiene, falta de merenda escolar para os alunos no período noturno, falta de professores, etc.

Essa foi a minha realidade, essa é a realidade dos jovens daqui. É difícil quando se observa a quantidade de crianças e adolescentes que crescem sem nenhum apoio social, do Estado, de saúde física ou mental. Sem o poder de escolher se estudar, ou não. Crianças e adolescentes, neste território, que têm suas infâncias interrompidas por diversos fatores sociais. Dessa forma, dar continuidade aos estudos com a possibilidade de ingressar no ensino superior era quase uma missão impossível.

Meu pai era marceneiro, tinha uma pequena marcenaria no bairro que ora tinha serviço, ora não. Minha mãe se dedicava inteiramente às tarefas do lar e da igreja. Embora quisessem muito, não podiam assumir o custeio de um curso superior nem para mim e nem para os meus irmãos. Eu, sendo a mais nova, vi meus irmãos trabalharem duro, construir famílias e se afastando cada vez mais dessa possibilidade de ingressar na faculdade. Frequentei durante alguns anos, uma pequena igreja na comunidade, onde minha mãe realizava um trabalho social com as crianças do território e eu a auxiliava. Essa experiência foi fundamental para que eu pudesse perceber que muitas e muitos jovens da comunidade viviam suas juventudes como eu vivi a minha: Enfrentando dificuldades socioeconômicas, preconceitos, racismo, violências.

Em 2012, deixei de frequentar a igreja por ideologias pessoais, mas continuei com o trabalho social no bairro com as crianças, promovendo rodas de leitura, contação de histórias, música e fui militar num partido político que acreditava e investia em mudança social. Passei a militar pelas causas feministas, de juventude e raciais. Em busca de uma formação superior mais específica que possibilitasse a continuidade dessa atuação no território, tentei pleitear vaga em uma das Universidades Públicas, mas percebi o quanto o acesso é limitado e que para um jovem oriundo das escolas públicas periféricas, esse era apenas mais um enfrentamento. Parece que o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que é a porta de entrada para essas

universidades, não foi elaborado para avaliar os estudantes de ensino médio de uma escola pública periférica. Juventudes que passam pela educação básica enfrentando descaso de professores, aulas vagas, ausência de cursinhos pré-vestibulares e outros fatores que incluem desigualdades sociais e educacionais, acabam de certa forma internalizando que “A Universidade é para poucos” e eu fui entendendo essa realidade.

Estudar e trabalhar é uma outra realidade aqui. Até busquei por um emprego que me garantisse um salário adequado e disponibilidade para conciliar com os estudos, mas o trabalho não é tão fácil pra nós, geralmente não nos encaixamos no perfil. Fiz um cursinho popular da Educafro e lá conheci muitos professores que contribuíram significativamente com a construção da minha identidade, ideologia, senso crítico, político e filosófico. Passei a me entender melhor como Juventude Negra, com origens na periferia. Hoje atuo sem receio de mostrar minha cor, ancestralidade e resistência.

A juventude da qual eu faço parte, não se sente pertencente ao centro da Cidade. São jovens que internalizam que não podem acessar o que parte da população acessa. Quando uma criança manifesta o seu interesse em ser cineasta, ginasta, músico, trabalhar com arte e cultura, significa que essa criança teve contato com isso desde sempre. É com base nisso que precisamos defender que o acesso à cultura seja ilimitado e esteja presente dentro das comunidades periféricas, garantindo de certa forma que a população pertencente a essas comunidades tenha a oportunidade de fazer teatro, fazer música, dançar. Garantir que essas crianças estejam consumindo arte de qualidade, indo a espetáculos, em concertos musicais, que tenham a possibilidade de estarem numa peneira para as olimpíadas. É necessário ampliar o repertório cultural dessas populações, trazendo outras perspectivas para elas, esperança. A juventude periférica tem que ser vista como um coletivo de cidadãos de direitos. É necessário investir nesses projetos, as escolas precisam funcionar como veículos de produção cultural, precisam ser vistas como lugares importantes para o povo da periferia promovendo educação de qualidade.

Esses fatores são importantes para continuar trazendo essa perspectiva, para que as pessoas vejam que na comunidade não é lugar só de armas, drogas, assaltos, aqui também tem pessoas que trabalham, que trabalham com arte, que lutam diariamente. Minha esperança é ver a juventude periférica se empoderando, vendo em si sua potência e que não aceitem mais o que a sociedade produz, como o racismo e o genocídio causado pelas políticas de segurança e isso só é possível através da educação.

Em 2013 consegui uma bolsa de estudos integral no curso de Educação Física através do Programa Universidade para Todos (ProUni), na Universidade Anhanguera de São Paulo. Inicialmente, minha escolha pelo curso foi tomada para ampliar minha atuação com os jovens na comunidade a partir de projetos sociais voltados ao lazer, esporte e recreação, mas no decorrer do curso, mergulhei na área da educação. O ingresso ao curso superior, como esperado, me abriu novas possibilidades de emprego. Em 2014, comecei a trabalhar na Associação Amigos de Pianoro. Trata-se de uma Organização Social que atua com políticas públicas de educação e assistência social dentro do território da Brasilândia desde 1991. Minha primeira atuação foi como educadora social na 9ª edição do Programa Jovens Urbanos. Esse programa é uma iniciativa do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) e da Fundação Itaú Social que em parceria com Organizações Sociais de áreas periféricas, buscam desenvolver ações sociais nas comunidades pobres, com jovens de 14 a 21 anos de idade e que se encontram em situação de vulnerabilidade social, proporcionando a ampliação do seu repertório cultural.

O CENPEC promovia formações semanais que preparavam os educadores para atuar nos bairros, como líderes comunitários e articuladores. Meu diferencial, no Programa, foi atuar com uma juventude da qual eu mesma fazia parte. A edição do Programa durou um ano, onde tive a oportunidade de ser educadora de uma turma de 30 adolescentes e jovens da comunidade. O programa tinha como metodologia os “3 E – Explorar, experimentar e expressar”. No primeiro trimestre, a turma explorava a cidade: equipamentos de cultura, teatros, museus, etc. No segundo trimestre, eles participavam de diversas oficinas nas casas de culturas, Centros de Juventude, fábricas de cultura: oficinas de teatro, dança, grafite, fotografia, culinária. No último trimestre, os jovens criaram projetos culturais que expressavam suas vivências no programa. Foram criados projetos de grafite, sustentabilidade, esporte e arte urbana. Quando se encerrou a edição do programa, passei a atuar em um outro projeto dentro da mesma Organização Social: O Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) Enrico Giusti.

O CCA trata-se de um Serviço Social de Proteção Básica da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) que é viabilizado a partir de um termo de parceria firmado entre a SMADS e uma Organização Social Contratada (OSC). Atuei como educadora social de crianças de 6 a 11 anos de idade de 2016 até 2018 e como educadora dos adolescentes de 12 a 15 anos de idade de 2018 a 2020 e é neste CCA que essa pesquisa acontece. Em busca de me aprofundar mais nas questões sociais e educacionais no território,

inicie minha segunda graduação em Pedagogia na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). Esse período em que atuei no CCA me abriu diversas possibilidades, a minha atuação foi muito além de educadora. Lá, tive a oportunidade de trabalhar diretamente com as famílias dos educandos no território, realizar visitas e desenvolver muitos projetos sociais nas diversas ocupações irregulares pertencentes à Brasilândia.

Em cada área que atuei tanto profissional quanto pessoal, deixa evidente meu envolvimento com o tema desta dissertação. Foram trajetórias que me levaram a refletir sobre como as juventudes periféricas precisam ser exploradas, vistas com cautela, com atenção em suas especificidades. Essas juventudes precisam ser ouvidas e vistas da forma que são e não da forma que se imaginam. E assim foi surgindo o meu interesse pela pesquisa. Em 2017, a Dra. Heloísa Szymanski, professora da PUC-SP, realizou dois encontros reflexivos e formativos sobre “Elaboração do PPP e a participação” com a equipe de professoras dos Centros de Educação Infantil (CEIs) Jardim dos Francos e Francesco Persiani e do CCA Enrico Giusti. Esses dois encontros foram tão produtivos que, a partir deles e das discussões pertinentes do dia a dia dos equipamentos que foram levantadas, foi proposto a reformulação e reconstrução do Projeto Político Pedagógico (PPP) dos equipamentos.

Então, em 2018, a possibilidade de uma pesquisa e aprofundamento nesse sentido surgiu quando tive a oportunidade de participar dessa elaboração do Projeto Político Pedagógico Participativo – (PPP-P), publicado posteriormente em 2021. A elaboração desse documento, importante para a comunidade, passou se formalizar a partir de uma parceria da instituição Pianoro e o grupo de pesquisas “Práticas Educativas e Atenção Psicoeducacional na Escola, Família e Comunidade” (ECOFAM) da PUC-SP. Essa parceria de longas datas já viabilizou diversos projetos, grupos e encontros no território da Brasilândia.

Desde então, diversos encontros, formações e entrevistas foram realizadas tanto nos equipamentos da instituição Pianoro, na Brasilândia, quanto na PUC-SP, em Perdizes, durante três anos, nos quais conheci pessoas do grupo de pesquisa da graduação, pós-graduação, orientandos da profa. Luciana Szymanski, que se tornaram parceiros para a discussão deste projeto político pedagógico disponibilizado em 2021 com incentivo do Plano de Incentivo à Pesquisa (PIPEq).

Este projeto, dentre outras finalidades, investiu na aproximação de professoras e gestoras à universidade novamente, de modo que abriu para mim novas perspectivas de continuar estudando e pesquisando. Nesses encontros, tive meu primeiro contato com a

Fenomenologia, cujo método me mostrou novas possibilidades de pesquisa: possibilidades que me permitia olhar para um fenômeno, deixando de lado os pré-conceitos, ou seja, olhar para uma determinada questão, deixando de lado a forma natural de "ver as coisas" e analisando-a de diferentes perspectivas.

Essa aproximação com o grupo ECOFAM, minhas experiências pessoais e profissionais, levaram-me a trilhar caminhos que me direcionaram a pesquisar e debruçar-se sobre o tema desta dissertação. Os enfrentamentos que vivi são característicos de juventudes pobres e pretas que vivem em extrema vulnerabilidade social nas periferias do Brasil. Questões sociais, de desigualdades educacionais, socioeconômicas e culturais norteiam a trajetória de milhares de jovens.

Em 2019, surgiu a Pandemia do COVID-19, uma situação atípica que surpreendeu o mundo inteiro, ocasionando milhares de mortes. No Brasil não foi diferente. Essa situação foi suficiente para se perceber as diversas fragilidades do Governo. A situação socioeconômica das famílias se agravou ainda mais devido ao aumento do desemprego, os índices de violência doméstica cresceram, as escolas pararam de funcionar presencialmente, etc. Com isso, a população mais afetada foi a população periférica, ou seja, aquela considerada 'mais pobre', aquela que citamos no decorrer deste texto. No ápice da Pandemia, em maio de 2020, a CNN Brasil apontou a Brasilândia, Zona Norte de São Paulo, como o distrito com mais casos confirmados de Covid-19 em São Paulo, tornando-se o epicentro da doença no Brasil.

Com isso, essa pesquisa busca debruçar-se sobre o que foi a Pandemia na perspectiva de adolescentes e jovens da Brasilândia: Investigar 'quais os principais enfrentamentos de adolescentes periféricos na/pós pandemia do COVID-19' utilizando-se dos fundamentos metodológicos da Fenomenologia.

Compreender quais são esses enfrentamentos e compartilhá-los com a comunidade acadêmica é o objetivo principal desta pesquisa e veremos em seu andamento, como se deu essa construção. No próximo capítulo, será apresentado um retrato das violências nas periferias do Brasil, trazendo um contexto histórico sobre suas origens e como essa violência se estabelece na sociedade até os dias de hoje. Também iremos enfatizar como essas violências se estruturam e estão presentes nas periferias com ênfase na Brasilândia, Zona Norte de São Paulo, trazendo especificidades na Pandemia do COVID-19 a partir de dados e pesquisas que mostram que as áreas periféricas foram as de maior contaminação e buscaremos entender como as famílias deste território enfrentaram esse fenômeno, como resistiram e

existiram nesse processo. O método de pesquisa mais adequado para entender esses enfrentamentos em suas diferentes perspectivas utilizado neste trabalho, foi o método fenomenológico, que será apresentado logo após o capítulo teórico, descrevendo como a Fenomenologia conversa com o problema de pesquisa e viabilizada a compreensão deste fenômeno. Mais adiante, descreveremos passo a passo, os procedimentos utilizados neste percurso, como foram realizadas as entrevistas reflexivas, onde elas foram realizadas e como chegamos aos sessenta adolescentes entrevistados.

Por fim, faremos uma análise de dados de cunho fenomenológico-hermenêutico, descrevendo quais foram os resultados obtidos com as entrevistas reflexivas e como de mostraram as manifestações desses fenômenos no decorrer deste estudo seguindo assim para o desfecho desta dissertação.

1 - Um retrato das periferias no Brasil

Não é de hoje que historiadores e pesquisadores investigam fenômenos relacionados as origens das periferias no Brasil; Com a abolição da escravatura, os indivíduos que haviam conquistado a liberdade não possuíam nada além disso. Foram apenas libertos, porém sem rumo, sem dinheiro, sem moradia, sem a garantia de seus direitos trabalhistas. Sendo assim, com base em SANTOS (2004), os recém-libertos passaram a morar em lugares abandonados e afastados das regiões centrais, dando origem aos primeiros cortiços, posteriormente favelas e hoje, periferias:

No final do século XIX, com a abolição da escravatura, negros libertos, em grande número, deslocavam-se para as cidades à procura de oportunidades e quando lá chegavam não conseguiam ser absorvidos em atividades remuneradas. O crescimento do número de imigrantes, vindos tanto do interior do Brasil, quanto do exterior também contribuiu para o crescimento urbano desordenado (SANTOS, 2004, p. 145).

A partir desse acontecimento, ocorreram diversos processos sociais que podemos elencar numa breve linha do tempo:



Referência: D'ANDREA, T, P; **CONTRIBUIÇÕES PARA A DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS PERIFERIA E SUJEITAS E SUJEITOS PERIFÉRICOS**, DOSSIÊ SUBJETIVIDADES PERIFÉRICAS • Novos estud. CEBRAP 39 (1) • Jan-Apr 2020.

Fonte: Elaborado pela autora.

O termo *periferia*, de acordo com o dicionário Michaelis, se descreve como: Região distante do centro urbano, com pouca ou nenhuma estrutura e serviços urbanos, onde vive a população de baixa renda; perifa. É neste lugar que estamos. O termo também é oriundo de muitos debates econômicos que ocorreram na década de 1950, onde foram realizados uma série de estudos em busca de analisar os desdobramentos econômicos das cidades que passavam pelo processo de expansão demográfica. Pesquisadores do tema passaram a denominar como *periferia*, os territórios geográficos cujas principais características eram pobreza, precariedade e distância em relação ao centro (D'ANDREA, 2020, p. 20). A igreja católica também utilizava este termo, se referenciando a população que se encontrava em vulnerabilidade social e desde então, realizava projetos sociais através da Pastoral das Periferias. Já na década de 80, por ser um termo muito utilizado por acadêmicos, pela igreja e pelos movimentos sociais, o movimento HIP HOP passou a publicizá-lo em suas letras de músicas. Foi então que a própria população passou a internalizá-lo e aos poucos, dando maior visibilidade a palavra *periferia*. Desta forma, os moradores das periferias, seguiram ressignificando o termo (D'ANDREA, 2020, p. 22).

Conforme a periferia foi ganhando popularidade, também foi virando alvo de uma sociedade conservadora e elitista. Nos anos 90, índices e pesquisas passaram a revelar que havia um genocídio em curso nas áreas periféricas, onde o principal alvo eram jovens negros. Desde então, os movimentos sociais passaram a se unir e a lutar pela pacificação das quebradas e a denunciar as condições sociais dessa população, que ainda mais unida, se identificava com o conceito de que a periferia, embora se mostrasse como um lugar de pobreza e violência, possuía solidariedade, união e potências. No próximo capítulo, será apresentado um breve levantamento a partir de dados e estatísticas sobre as violências nas periferias de São Paulo.

1.1 Localizando historicamente a questão das violências nas periferias: especificidades da Pandemia

“o mundo é diferente da ponte pra cá”.

- Canção de Racionais MC's

A violência nas periferias começa na violação dos direitos sociais básicos que a população periférica enfrenta. Direitos básicos que a Constituição Federal garante a todo cidadão brasileiro, não estão totalmente garantidos por aqui:

São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados (...). (BRASIL, 1988, art. 6º)

De fato, “*o mundo é diferente da ponte pra cá*”. A desigualdade social é marcante e, portanto, relevante mencionar. Ela “é mais visível quando as diferenças entre setores da população são mais exarcebadas, como no Brasil, o campeão mundial das desigualdades” (TRASSI, 2006, p.221). São juventudes que não se sentem pertencentes ao centro da cidade e aos bens culturais que esta lhes promove, uma juventude, que têm “os horizontes de seu futuro definidos: não poderem construir seu próprio destino” (TRASSI, 2006, p.222). Em uma experiência que a autora teve como educadora social do Programa Jovens Urbanos (PJU) anteriormente mencionada, quando os jovens do programa saíam da Brasilândia para conhecer lugares como a Avenida Paulista, eles se sentiam deslocados e com a ‘*sensação de estarem em outro país*’. (Fala de uma jovem fazia parte da 9º edição do PJU). O olhar externo também refletia estereótipos: era uma juventude sempre vista com olhares receosos e preconceitos. Neste mesmo programa, os jovens realizaram uma visita a um Shopping Center localizado na região central de São Paulo, os quais foram perseguidos desde o momento da entrada até o momento da saída pelos seguranças do local. São exemplos de experiências importantes que nos remetem a refletir sobre uma sociedade que, ao mesmo tempo que promove essa exclusão social, deve a essa juventude a garantia de direitos tão essenciais:

Os adolescentes pobres e marginalizados precisam ter o direito de escolher. A sociedade lhes deve coisas tão essenciais, como saúde, educação, igualdade. No entanto lhes é cobrado bom comportamento e são punidos por delinquência. Talvez delinquente seja um país ou um sistema social que ainda não aprendeu a dar condições mínimas de vida a suas crianças e adolescentes. (BECKER, 1999, p 50).

A violência também é letal. Todos os dias podemos acompanhar notícias de jovens negros e periféricos que são vítimas de um sistema de Segurança Pública opressor e racista. Esse é um fato que deve ser visto como um enorme desafio aos atuais governantes do país: Como a sociedade tem lidado com o aumento do número de homicídios causados principalmente à população negra, pobre e periférica? Quais medidas de segurança o Poder Público tem tomado em relação a violência causada pelos policiais nessas áreas específicas? As estatísticas estão batendo record nos últimos dez anos:

A proporção das mortes causadas por agentes do Estado em relação à violência intencional total cresceu de 12,6%, em 2013, a 39,6%, em 2019, em periferias do estado do Rio de Janeiro. De acordo com a pesquisa “Vidas adolescentes interrompidas”, realizada pelo ISER e pelo Observatório de Favelas, entre os adolescentes vítimas de mortes violentas intencionais no período, 79% são negros e 76% tinham entre 16 e 17 anos. (ISER - Instituto Superior de Estudos da Religião, 2021).

As taxas de homicídio no país não se reduziram no período de 2012 a 2017. Pelo contrário, entre pessoas pretas ou pardas, essa taxa aumentou de 37,2 para 43,4 mortes para cada 100 mil habitantes, enquanto, para a população branca, o índice ficou estável entre 15,3 e 16. Essa diferença significa que pretos ou pardos tinham 2,7 vezes mais chances de serem vítimas de homicídio em 2017. As diferenças são ainda mais acentuadas na população jovem. A taxa de homicídios chega a 98,5 entre pessoas pretas ou pardas de 15 a 29 anos. Entre jovens brancos na mesma faixa etária, a taxa de homicídios é de 34 por 100 mil habitantes (IBGE, 2019)

A violência tem suas vítimas preferenciais: a juventude preta e periférica. Assim, seguimos em busca de políticas públicas que apresentem soluções e medidas de controle dessa violência. Esse desafio requer do Poder Público, reformular maneiras de avaliar suas distintas dimensões em termos de estabelecer leis de ordem social, econômica, política e territorial.

Em 2019 começamos a acompanhar a propagação de um vírus letal: o coronavírus. Enquanto o mundo se preparava para a chegada da pandemia do COVID-19 com políticas de isolamento, uso de máscaras e medidas restritivas que evitavam aglomerações, as populações periféricas seguiam vítimas da desigualdade social, da fome, do desemprego, do Estado, da violação de direitos e agora, do vírus. De fato, as periferias foram os epicentros da doença, pois a população seguia trabalhando e na maioria dos casos, não tiveram a opção de aderir ao

isolamento social. O verdadeiro caos: os hospitais públicos superlotados não conseguiam atender a alta demanda de pessoas contaminadas. Dessa forma, o vírus se intensificou nas periferias, que conseqüentemente, alcançou maior número de letalidade devido aos seus problemas sociais, especificamente na área da saúde pública (WHITEHEAD, 2000, p 71).

Esse fato torna-se mais evidente quando relacionamos a população periférica aos grupos considerados de risco: hipertensos, diabéticos, asmáticos, obesos e que de acordo com a Organização Mundial da Saúde - OMS, potencializam o efeito da COVID-19. Essas são condições de saúde ligadas as condições sociais existentes nas áreas mais pobres e com maior vulnerabilidade. Nesse sentido, levanta-se a hipótese de que esses grupos sociais foram os mais atingidos pelos impactos da pandemia e seus efeitos adversos, visto que, historicamente, têm sido submetidos a processos de vulnerabilização (PIRES, 2020, p. 8).

Em consequência dos dados apresentados sobre a expansão do COVID-19 nas periferias, a Brasilândia chegou a tornar-se o epicentro da doença em São Paulo ocupando espaços nos noticiários e meios de comunicação. Descreveremos no próximo item, um breve histórico sobre a região da qual desenvolvemos esse estudo e apresentaremos dados estatísticos de como a pandemia afetou essa população.

1.2 - Localizando historicamente a questão das violências nas periferias: especificidades da Brasilândia

A Brasilândia é um distrito localizado na Zona Norte de São Paulo e de fato um território periférico. Fundou-se na década de 1930 e era composta por sítios e chácaras de cana de açúcar. Adiante, em meados anos 50 e 60, famílias de diversos locais do nordeste do país, migravam para São Paulo em busca de trabalho e moradia. Os imigrantes fugiam da seca que atingia seus estados na época. Sendo assim, foi se tornando uma região que abrigava famílias que não tinham moradia, dando espaço as diversas ocupações irregulares.

Com uma área de aproximadamente 21,0 km², a Brasilândia seguiu se estruturando e embora não fosse dotada de qualquer infraestrutura, “os terrenos eram adquiridos com grandes facilidades de pagamento, inclusive com a doação de tijolos para estimular a construção das casas” (Portal virtual da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2019). Dessa

forma, a Brasilândia foi se estabelecendo e expandindo sua população, que atualmente, estima-se em mais de 250 mil habitantes de acordo com os dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras de São Paulo (2010), conforme segue:

Dados demográficos de distritos das Subprefeituras de São Paulo		
	Distrito	População (2010)
1 °	Grajaú	360.787
2 °	Jardim Ângela	295.434
3 °	Sapopemba	284.524
4 °	Capão Redondo	268.729
5 °	Jardim São Luís	267.871
6 °	Cidade Ademar	266.681
7 °	Brasilândia	264.918
8 °	Sacomã	247.851
9 °	Itaim Paulista	224.074
10 °	Jabaquara	223.780
11 °	Cidade Tiradentes	211.501
12 °	Campo Limpo	211.361
13 °	Itaquera	204.871

Fonte: Elaborado pela autora
Referência: INFOCIDADE da Prefeitura de São Paulo, disponível no link:
https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758

Por ser uma região de alta densidade demográfica e políticas públicas ausentes, logo se vê o que não se esconde: o extenso histórico de índices de violências, causando cada vez mais o distanciamento entre essa população e o "centro da cidade". Basta um olhar um pouco mais atento: Crianças e adolescentes à mercê de violências em suas múltiplas facetas.

Em 2019, o Portal R7 publicou uma matéria sobre um aplicativo de trânsito chamado WAZE, que alertava aos motoristas de aplicativos sobre as áreas de maior risco de crime e violência:

A ferramenta criada pelo aplicativo Waze para avisar os usuários sobre locais apontados pelo serviço como perigosos na cidade de São Paulo tem causado mal-estar em moradores de áreas incluídas nessa "rota violenta" calculada pelo recurso. Na Vila Brasilândia, zona norte da capital paulista e uma das regiões onde há localidades classificadas como pontos de risco pelo Waze, são vários os relatos de constrangimento da população. Porém, os problemas vão além de aspectos subjetivos. Muitas pessoas encontram restrições no atendimento de motoristas particulares devido à classificação do bairro como perigoso. (R7, 2019).

Pouco antes, em 2015, a Revista EXAME da editora Abril também publicou uma matéria elencando os vinte bairros da cidade de São Paulo onde as taxas de violência são consideradas endêmicas, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde). O território da Brasilândia ocupou o 9º lugar nesse ranking, apontando 17,1 mortes por 100 mil pessoas.

Todo contexto histórico aqui apresentado, remete a realidade dos adolescentes participantes dessa pesquisa, que apresentam em suas narrativas dados que nos leva a refletir sobre o problema de pesquisa em questão. O período pandêmico neste território foi marcado por muitos acontecimentos atípicos em relação as demais regiões não periféricas. O aumento da propagação do coronavírus se justifica pela impossibilidade do isolamento social e demais medidas protetivas, pela dificuldade de assegurar o uso de máscaras e álcool em gel, que no início da pandemia se tornaram insumos escassos na região devido a alta nos preços e a falta deles nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), pelo distanciamento social que era inviável para uma população que diariamente utilizavam transporte público aglomerado, pelos comerciantes locais que não tinham condições de seguir as orientações do Ministério da Saúde e restringir o funcionamento de seus estabelecimentos, pelas crianças que, sem aulas e sem atividades extracurriculares, ficavam ociosas e conseqüentemente, ocupavam as ruas e praças ficando expostas à contaminação e pela juventude que, sem opções de acesso à cultura e lazer, não deixaram de promover bailes funk e pancadões.

A Pandemia neste território, também foi marcada pela mobilização social de diversas Organizações Sociais e Associações que iniciaram campanhas de arrecadação de alimentos, produtos de higiene pessoal, roupas, etc. e atuaram assiduamente durante o período pandêmico. A autora fez parte de todo esse processo, pois além de moradora da região, atuava ativamente em conjunto com essas Organizações Sociais. Veículos de comunicação no Brasil inteiro, quando divulgavam notícias sobre a pandemia nessas áreas periféricas, atribuía a essas áreas um teor de vulnerabilidade e pobreza, mas os moradores contestavam: Esse lugar também é de resistência.

A presente pesquisa busca por meio de sua realização, busca evidenciar esses fatores, trazendo a possibilidade de investigar esse fenômeno a partir da perspectiva dos participantes. No próximo capítulo, apresentaremos a inspiração metodológica que norteia esse estudo e aprofundaremos sobre os procedimentos utilizados nessa investigação.

2 - Método: Sobre o pensamento fenomenológico

Esta pesquisa adota os princípios metodológicos do pensamento fenomenológico. A abordagem fenomenológica é um método que investiga a manifestação de um determinado fenômeno, buscando sua compreensão a partir das descrições e interpretações possíveis. A fenomenologia cresceu e surgiu no início do século XX a partir dos pensamentos de Edmund Husserl, que criticava os métodos indutivos e dedutivos na sua época, pois entendia que os dados empíricos eram instáveis, e por isso, não forneciam rigor suficiente para uma investigação aprofundada e parte do pressuposto de que o mundo não pode ser conhecido objetivamente, mas somente a partir das vivências subjetivas. Sendo assim, Husserl buscou, através deste método, realizar uma análise compreensiva e não explicativa dos fenômenos (GADAMER,1999).

De acordo com a fenomenologia, a realidade não é algo que existe de forma independente da experiência humana. Em vez disso, a realidade é constituída pelos fenômenos, isto é, pelos aspectos que aparecem às pessoas. Dessa forma, a fenomenologia se concentra na análise das vivências, buscando descrever as experiências mesmas, sem recorrer a conceitos teóricos preconcebidos. O método fenomenológico parte da redução fenomenológica, que consiste em suspender o juízo acerca da existência de algo, para se concentrar exclusivamente na descrição do fenômeno. A redução fenomenológica é um processo de despojamento da subjetividade, que permite acessar a essência do fenômeno em questão.

Ao descrever as experiências mesmas, a fenomenologia busca encontrar as estruturas fundamentais que estão por trás das vivências. Essas estruturas são chamadas de eidéticas e são consideradas universais, ou seja, válidas para todas as pessoas. Sendo assim, entende-se que o objetivo da fenomenologia não é chegar a uma verdade absoluta, mas sim compreender as vivências humanas em sua complexidade.

Critelli (1996), por sua vez, propõe a análise de uma fenomenologia hermenêutica, que busca compreender a experiência humana a partir da relação entre o sujeito e o mundo. Para a autora, a fenomenologia tradicional de Husserl é insuficiente porque parte de um sujeito isolado do mundo, que busca conhecer a realidade a partir de uma posição privilegiada de observador. A autora argumenta que essa perspectiva é inadequada porque a experiência humana é sempre situada e contextualizada. A fenomenologia hermenêutica e Heidegger

estudada por Critelli, por outro lado, parte do pressuposto de que a experiência humana é sempre interpretativa, isto é, está sempre inserida em um contexto cultural e histórico que atravessa a forma como as coisas são percebidas e compreendidas. Assim, a compreensão da experiência humana requer uma abordagem que leve em conta essa dimensão interpretativa.

A partir dessa perspectiva hermenêutica heideggeriana, Critelli propõe uma análise do sentido da experiência humana, que busca compreender como as coisas se apresentam àqueles que as experienciam. O sentido não é algo que existe de forma independente da experiência humana, mas é construído a partir das vivências e das relações do sujeito com o mundo. A análise do sentido envolve a descrição das experiências vividas, como pretendemos realizar neste trabalho, levando em conta tanto os aspectos da realidade dos adolescentes entrevistados, suas trajetórias e vivências, quanto de suas interpretações.

Dessa forma, esta pesquisa será embasada na fenomenologia hermenêutica, que busca compreender a complexidade da experiência humana, no caso, compreender como adolescentes de uma determinada periferia de São Paulo vivenciaram a Pandemia do COVID-19 e quais foram seus enfrentamentos a partir da análise de entrevistas reflexivas que deverão revelar os fenômenos que se mostram e se ocultam. Dessa forma, torna-se necessário colocar em suspensão nossas crenças e pré-julgamentos sobre quem são esses adolescentes, como são as periferias e como a pandemia afetou essa população e olhar para esse fenômeno a partir da perspectiva delas mesmas, ou seja, essa pesquisa pretende descrever esses fenômenos e vê-los livre de quaisquer possibilidades de hipóteses e pressuposições pessoais, investindo nas análises políticas e sanitárias feitas no âmbito acadêmico, que são as pesquisas nas quais nos embasamos aqui.

O pensamento fenomenológico não tem a intenção de reduzir o objeto de estudo, mas sim de (...) compreendê-lo em sua facticidade e transcendência, levando em consideração o emaranhado de toda trajetória histórica (...)" (BRUNS, 2005, p. 70).

Vale ressaltar que, para pesquisas com essa abordagem, é necessário compreender a importância de interrogar o fenômeno, por isso escolhemos como procedimento, a entrevista reflexiva, que tem como base uma questão norteadora e/ou desencadeadora: *"Como você enxergou a pandemia do COVID-19 e quais enfrentamentos ela trouxe para sua vida hoje?"*

O problema que orienta essa pesquisa foi gerado a partir do convívio direto que a autora mantinha com as e os adolescentes do CCA Enrico Giusti, na Brasilândia, durante a pandemia e a partir de encontros anteriores com esses jovens, que traziam à tona, relatos sobre

como estavam vivendo durante o período da Pandemia do COVID-19. Já a inspiração metodológica desta pesquisa teve como ponto de partida, o envolvimento da autora com o grupo de pesquisas ECOFAM e sua experiência com pesquisas de caráter interventivo e dialógico nesta mesma comunidade. As entrevistas foram realizadas de forma coletiva, conforme será explicitado no item 2.3.1.

2.1 - Sobre a pesquisa dialógica e participativa

Quando falamos de um modo fenomenológico de se pesquisar, estamos falando de uma possibilidade e inspiração de origem filosófica que fundamenta uma postura dialógica e participativa de pesquisa qualitativa. Critelli (1996) já definia que “o que se quer saber, paralelamente ao modo da interrogação” (p. 26), vale muito mais do que quaisquer outros instrumentos de coleta de dados. Sendo assim, a pesquisa fenomenológica participativa e dialógica faz com que o problema de pesquisa dialogue com as demandas do território parceiro. Essa forma de pesquisar é utilizada nas pesquisas qualitativas e das áreas de humanas, pois seu foco está diretamente ligado aos fenômenos sociais. Brandão (2008, p. 8), ao se referir à pesquisa ação, que também inspira nosso modo de investigar, diz que esse tipo de pesquisa sempre deve possuir “um envolvimento entre o pesquisador e aquilo, ou aquele que ele investiga”.

Vale ponderar, neste trabalho, que o princípio do envolvimento do grupo de pesquisas ECOFAM da PUC-SP e o território da Brasilândia vai muito além do envolvimento da pesquisadora com o território. Na verdade, essa parceria de iniciou em 1993 por intermédio da Dra. Heloisa Szymanski, que almejava desenvolver um trabalho com as famílias daquele lugar. Segundo a mesma, a partir de produções textuais escritas para o livro do bairro “Vila Nova Esperança: Esperança que nunca se encerra” (no prelo), ela pensava:

Que bom seria a Psicologia e a Educação oferecerem à população algo tão bom como a Medicina oferecera com o soro caseiro! Que bom seria se pudéssemos, junto com as famílias, criar modos de educar as crianças e de conviver sem agressões, sem violência! Que bom seria se o diálogo fosse aos poucos se instalando!
(SZYMANSKI, H - No prelo)

Apresentada para lideranças da comunidade por Chico Whitaker, Heloisa seguiu desenvolvendo pesquisas interventivas, participativas e dialógicas com base nas demandas trazidas pelos próprios moradores e comunidade. Desde então, o projeto com famílias seguiu se estruturando e adquirindo novas feições, forjando novos conhecimentos e práticas posteriormente denominadas por Heloisa Szymanski, de ‘psicoeducativas’, que permanece vivo até os dias de hoje.

No caso desta pesquisa, como das demais do grupo ECOFAM, o problema investigado também surge a partir de demandas do território, trazidas pelos parceiros. Essas demandas começaram a aparecer durante encontros e intervenções realizadas pelo grupo ECOFAM em 2021, no projeto “ConversAção” O projeto ConversAção reunia estagiárias de psicologia do núcleo de graduação da PUC-SP denominado "Práticas clínico-educacionais junto à infância e juventude: constituição da subjetividade e cidadania" e estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação e, no decorrer dos tempos pandêmicos, se uniu ao Programa Brasilândia Solidária e expandiu ações no território, abrindo muitas possibilidades de trabalho.

A professora Dra. Luciana Szymanski realizou uma formação com as educadoras do CEI Francesco Persiani e do CCA Enrico Giusti que abordava os desafios do ensino remoto para os e as adolescentes periféricos/as. A partir dessa formação, com base nas inquietações apresentadas pelas educadoras, iniciou-se o processo de construção do problema de pesquisa que norteia a presente dissertação. Sendo assim essa pesquisa também é dialógica, pois conversa com as demandas do território no qual o problema se origina. O caráter dialógico aqui proposto está embasado na dialogicidade de Paulo Freire, considerando que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1980, p.69).

Vale ressaltar que esse modo de pesquisar, de cunho interventivo, fenomenológico, participativo e dialógico é utilizado em pesquisas que buscam resultados diferentes daqueles obtidos em pesquisas tradicionais, muitas vezes engessados e passíveis de generalização, pois se considerarmos que os fenômenos se mostram de formas distintas e cada pessoa tem uma percepção diferente deles, o princípio da generalização já não é viável, desfazendo quaisquer tentativas de objetividade e neutralidade, ou seja, é bom lembrar que a pesquisadora autora é também moradora do território parceiro e também foi uma adolescente que vivenciou as especificidades deste contexto

2.2 - Participantes

O CCA Enrico Giusti está localizado no território da Brasilândia - Zona Norte de São Paulo, especificamente no bairro da Vila Nova Esperança. Trata-se de um serviço de assistência social vinculado à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) e supervisionado pela Supervisão de Assistência Social da Freguesia do Ó/Brasilândia. É um serviço de proteção social básica destinado às crianças e adolescentes cujas famílias estão inscritas no CadÚnico e que se encontram em situação de vulnerabilidade social e risco. O CCA atua como promotor de atividades socioeducativas no contraturno escolar e busca garantir a convivência e o fortalecimento de vínculos dos educandos com a família e a comunidade em que pertencem. O CCA é um espaço acolhedor e inclusivo, bastante procurado pelas famílias que residem no entorno. A capacidade de educandos, de acordo com a firmada no termo de parceria vigente é de cento e vinte educandos, sendo sessenta crianças de 6 a 10 e 11 meses e sessenta adolescentes de 11 a 14 anos e 11 meses. São divididos em quatro turmas: Turmas A e B no período matutino e turmas C e D no período vespertino. As entrevistas foram realizadas com a turma C, que se trata da turmas dos adolescentes do período da tarde.

Apesar de ser vinculado à SMADS, O CCA Enrico Giusti é gerenciado pela Organização Social Contratada (OSC) Amigos de Pianoro, que atua neste território desde 1991 e desde o início de sua fundação, mantém uma parceria construtiva com o grupo de pesquisa ECOFAM.

2.3 - Procedimentos: Entrevistas reflexivas

Pesquisas qualitativas com base fenomenológica, em geral, utilizam como procedimento as entrevistas reflexivas, uma estratégia de investigação que vem sendo sistematizada e desenvolvida há anos por SZYMANSKI, H (2002) em seus projetos e pesquisas interventivas. Esse instrumento vem sendo utilizado como um meio de se aprofundar em temas com “significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado” (BANISTER et al., 1994 apud SZYMANSKI, 2002, p. 10). Com a entrevista reflexiva, é possível coletar dados de

determinados participantes sem enxergá-los como meros meios de informação e sim como parceiros nessa descoberta de significados.

O processo de planejamento das entrevistas reflexivas deve ser realizado cautelosamente, devendo cuidar da maneira de como as perguntas serão feitas levando em consideração possíveis adaptações à linguagem do outro. O pesquisador e/ou a pesquisadora devem ter sempre internalizados, princípios básicos como a horizontalidade, sinceridade e clareza durante o processo, pois sua visão de mundo irá guiar sua visão científica e a forma como a pesquisa se desenvolve (TELIS, 2022, p. 35).

Ao se organizar uma entrevista reflexiva é sempre "importante ter claros os objetivos da entrevista - que conhecimento efetivamente ela estará trazendo e que contribuirá para responder o problema da pesquisa" (SZYMANSKI, H; 2019, p. 200). A questão desencadeadora também deverá estar elaborada de acordo com os objetivos da pesquisa. "Ela deve ser o ponto de partida para o início da fala do participante, focalizando o ponto que se quer estudar e, ao mesmo tempo, ampla o suficiente para que ele escolha por onde quer começar". (SZYMANSKI, H; 2019, p. 203). As entrevistas reflexivas podem ocorrer de duas formas: Entrevistas reflexivas individuais e entrevistas reflexivas coletivas. No caso desta pesquisa, elas foram realizadas coletivamente e descreveremos no próximo item de que forma elas foram conduzidas e organizadas.

2.3.1 - Entrevistas Reflexivas Coletivas: Como foram realizadas

Os procedimentos utilizados para a realização de uma entrevista reflexiva em grupo são os mesmos utilizados em uma entrevista individual, porém, "o caráter de intervenção fica mais claro em entrevistas coletivas, as quais a produção de conhecimento e a tomada de consciência se dá de forma mais dinâmica, pois estão em jogo as influências mútuas entre todos os participantes". (SZYMANSKI, 2019, p. 213). Nesse caso, se faz necessário que o/a pesquisador/a esteja ciente que a participação de cada indivíduo participante poderá influenciar os demais, resultando em uma produção grupal.

O processo de entrevistas reflexivas na presente pesquisa se iniciou em no mês de outubro de 2022 com a turma de adolescentes que frequentam o serviço no período da tarde. A princípio, a autora frequentou o espaço por duas semanas, apenas observando e criando vínculos com a turma, participando de toda programação das atividades cotidianas do CCA.

De acordo com SZYMANSKI, H (2002), a boa relação do entrevistador com as e os participantes torna-se fundamental no processo de condução da entrevista que deve ser realizada de maneira dialógica, com horizontalidade, clareza e sinceridade.

Após a fase de observação e interação com a turma, a primeira entrevista reflexiva foi realizada com um grupo de quatro participantes, porém, a autora percebeu que ambos não se recordavam ou se recordavam muito pouco de suas vivências no período pandêmico, então, de forma estratégica, propôs realizar rodas de conversa e dinâmicas com toda a turma a fim de resgatar memórias e assim dar continuidade à pesquisa. No próximo item, abordaremos de forma mais sucinta como se deu o desenvolvimento dessas atividades extras. Após as referidas atividades, as entrevistas reflexivas foram retomadas e realizadas em grupos quatro pessoas. Basicamente, a pesquisadora separava o grupo conforme grau de afinidade. Cada grupo foi conduzido à sala de atividades e a entrevista acontecia da seguinte forma: A pesquisadora solicitava aos participantes, o consentimento para gravar os áudios e esclarecia todos os itens do TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido - então, se iniciava o processo de investigação que buscava entender o problema de pesquisa a partir da interrogação, da pergunta norteadora: *Como você enxergou a pandemia do COVID-19 e quais enfrentamentos ela trouxe para sua vida hoje?*”.

As entrevistas foram realizadas com doze adolescentes da turma C, no período da tarde. Embora a turma seja composta por trinta adolescentes, esses doze foram escolhidos por critério de idade (de 12 a 15 anos). Posteriormente, os dados coletados foram analisados e separados em constelações de acordo com a forma de se analisar pesquisas de base fenomenológicas. No próximo item, falaremos um pouco mais sobre como a análise dos resultados das entrevistas foi realizada.

2.4 – Rodas de conversa

Conforme mencionado anteriormente, as rodas de conversas surgiram como estratégia por parte da autora, quando se deu conta de que os primeiros adolescentes entrevistados não se recordavam ou se recordavam muito pouco de suas vivências durante o período pandêmico. Desta forma, propôs as rodas de conversa. As rodas aconteceram em quatro encontros no CCA. No primeiro encontro, a autora reuniu os adolescentes na sala de atividades e pediu que todos fechassem os olhos e fizessem o máximo de silêncio. Em seguida, a autora iniciava uma viagem ao tempo, resgatando lembranças da pandemia desde o início. Ao fim do primeiro

encontro, a autora pediu que os adolescentes produzissem desenhos ou elaborassem palavras que representasse a pandemia. Palavras como: Medo, insegurança, máscaras e mortes apareceram de formas recorrentes. Nos demais encontros, a pesquisadora propôs a roda de conversa, onde os adolescentes deveriam resgatar lembranças da pandemia. Foram nestes momentos de troca que os adolescentes compartilhavam lembranças ao mesmo tempo que retomavam suas vivências na escola, no bairro e no próprio CCA.

3 – Análise

Conforme abordado anteriormente, esse trabalho é uma pesquisa qualitativa e fenomenológica, sendo assim, investiga os fenômenos e dialoga com uma análise a partir do pensamento hermenêutico, que busca entender o fenômeno como ele se mostra e interpretá-lo, buscando “desvelar o sentido que se abriu em um determinado encontro, o que coloca em questão a ‘verdade’ do dado e a ‘verdade’ do resultado, bem como refletir sobre alguns desdobramentos do termo ‘verdade’ [...]” (SZYMANSKI, SZYMANSKI & FACHIM, 2019, p. 8). Os dados coletados a partir das narrativas dos adolescentes, foram analisados de acordo com o pensamento fenomenológico hermenêutico, nos permitindo realizar uma reflexão embasada nos fenômenos que se revelaram nas entrevistas e interpretá-los mediante aquele contexto específico, abstendo-se de quaisquer vestígios de neutralidade ou objetividade, conforme mencionado no capítulo sobre o método. Vale ressaltar que "o termo “dado” pode nos remeter a uma lógica investigativa que entende resultado como algo que está ali, “dado”, existindo independentemente de quem o vê” (SZYMANSKI, SZYMANSKI & FACHIM, 2019, p. 3), ou seja, “dado” na pesquisa fenomenológica existencial nada mais é do que a “manifestação do fenômeno” que busca ser compreendido a partir de perspectivas diferentes.

Nesse sentido, os dados coletados foram separados em pequenas categorias, aglutinando trechos das falas e vivências semelhantes que se repetem ou se entrelaçam em pequenos grupos, que aqui chamamos de ‘unidades de sentido’, com base em SZYMANSKI, SZYMANSKI & FACHIM (2019):

No processo de leituras e releituras, as partes reúnem-se em conjuntos de afirmações referentes a um mesmo tópico que aglutina as vivências, ou as “situações dadas” (Gegebenheiten), dados que ‘não são dados de experimentação e de medição, mas unidades de sentido’ (Gadamer, 2002a, p. 124). Esses conjuntos denominamos de constelações, por analogia às constelações celestes (SZYMANSKI, SZYMANSKI & FACHIM, 2019, p. 20).

Formadas as unidades de sentido, elas deverão ser agrupadas em "constelações”, em analogia às constelações celestes. Esse termo utilizado por SZYMANSKI (2004) surge do pressuposto de que cada pessoa enxerga as constelações de diferentes perspectivas, causando “uma ilusão, segundo a qual, acreditamos serem próximas estrelas que estão, na verdade,

separadas por milhares de anos luz... O que percebemos da Terra é a projeção das estrelas no céu, que, na nossa perspectiva, aparenta ser uma cúpula bidimensional” (SZYMANSKI, 2004, p. 3). Resumidamente, as constelações foram formadas a partir das narrativas mais relevantes para o problema de pesquisa, categorizadas em grupos maiores da seguinte forma: 1- Enfrentamentos, 2- Resistências e 3- Impactos pós-pandêmicos, depois separadas em unidades de sentido, como demonstrado no quadro abaixo. Nos próximos itens desta pesquisa, abordaremos de forma mais detalhada, cada uma dessas constelações.

CONSTELAÇÕES	UNIDADES DE SENTIDO
Enfrentamentos	Ausência das medidas restritivas que evitavam a proliferação do COVID19
	Situação socioeconômica vulnerável (Desemprego e renda)
	Aumento de violências
Resistências	Mobilização social na comunidade
	Empreendedorismo
Impactos pós pandêmicos	Adolescentes que não se recordam da pandemia
	Retomada das atividades escolares
	Luto

Fonte: Elaborado pela autora

3.1 – Enfrentamentos

A primeira constelação formada, denomina-se Enfrentamentos, pois aglutinam-se trechos das narrativas dos adolescentes que abordam diversas situações recorrentes que vão desde situações das quais as famílias deste território precisavam se posicionar para enfrentar o COVID-19 mesmo quando as medidas de isolamento eram inviáveis, o aumento da violência em suas múltiplas facetas, até situações socioeconômicas das quais muitos precisaram

encontrar meios de sobreviver em meio ao caos. Dentro da constelação “Enfrentamentos”, podemos separar três unidades de sentido, como demonstrado na imagem a seguir:

CONSTELAÇÃO	UNIDADES DE SENTIDO
Enfrentamentos	Ausência das medidas restritivas que evitavam a proliferação do COVID19
	Situação socioeconômica desfavorável (Desemprego e renda)
	Aumento de violências

Fonte: Elaboração da autora

3.1.1 – Ausência das medidas restritivas que evitavam a proliferação do COVID-19

Como já mencionado nos capítulos introdutórios, a Brasilândia chegou a ser considerada o epicentro do coronavírus na cidade de São Paulo, tornando-se a região com maior número de contaminação da doença. Desde que a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou essas contaminações como Pandemia, a principal recomendação para conter o avanço da doença foi o distanciamento e/ou isolamento social. Essa medida foi considerada eficaz porque a principal forma de contágio do COVID-19 acontecia pelo contato físico de pessoas infectadas, mas nos territórios periféricos, essa possibilidade era quase inexistente.

Em março de 2020, diversos veículos midiáticos falavam sobre uma das primeiras mortes por COVID-19 no Brasil, que foi de uma mulher que trabalhava de empregada doméstica no Rio de Janeiro e contraiu o vírus de sua patroa, que havia acabado de voltar da Itália, trazendo consigo a doença. O isolamento social era literalmente uma medida vital. Mas o trabalho remoto, ou *home office*, não era a realidade da doméstica do Rio de Janeiro, não foi a realidade das famílias que residem na Brasilândia, não foi a realidade dos adolescentes que foram entrevistados nesta pesquisa. Essas pessoas não tiveram a oportunidade de se isolar para se proteger do vírus.

A gente que é pobre não teve isolamento, não teve como ficar em casa. A gente teve que trabalhar, correndo risco de ficar doente. Esse negócio de ficar em casa só serviu pra passar na televisão, pro povo rico sabe? Esse isolamento (social) foi um luxo que a gente não teve.

(Trecho da entrevista coletado em outubro de 2022 pela autora)

Ceolin e Nascimento (2022) utilizaram em seus estudos, dados do Instituto Data Favela e apresentaram resultados significativos sobre a impossibilidade do isolamento social nas periferias. Elas abordam que das 13,6 milhões de pessoas que vivem nessas áreas periféricas, dois terços dos moradores só possuem reservas financeiras para aguentar uma semana em casa sem trabalhar e 29% destes não conseguiriam ficar um dia sequer sem trabalhar. Esses dados apenas afirmam o que já constatamos: o isolamento social não foi uma realidade de todos, portanto, a classe social dos mais pobres teve mais chance de ser infectada pela Covid-19.

A unidade de sentido “Ausência das medidas restritivas que evitavam a proliferação do COVID19” tornou-se necessária porque trata-se de um assunto recorrente em todas as entrevistas realizadas e se encontra dentro da constelação “Enfrentamentos” justamente porque evidencia situações desafiadoras acerca da exposição desses adolescentes e suas famílias ao vírus.

3.1.2 - Situação socioeconômica desfavorável (Desemprego e renda)

De acordo com os depoimentos coletados nesta pesquisa, o fator socioeconômico também foi bastante mencionado. O aumento do preço dos alimentos e o desemprego se revela em várias falas, como demonstrado a seguir:

Situação socioeconômica desfavorável (Desemprego e renda)	Mas teve gente que passou fome né, as coisas tava muito cara no mercado.
	A máscara antes do COVID era barata, aí depois o COVID veio e aumentou, ficou muito mais cara, igual o álcool em gel;

	<p>É, e esse negócio de COVID, logo no começo, saiu a notícia que as coisas iam acabar e os mercados iam fechar, e quem podia, corria pros mercados e comprava tudo, acho que foi por isso que as coisas ficaram tão caras também.</p>
	<p>Eu fiquei indignada! o leite era dois e cinquenta e esses dias, fui comprar tava quase oito reais. E o tang, agora é dois reais ali na vendinha.</p>
	<p>A coxinha era um real e agora, ali perto de casa ta dois e cinquenta. (...) A carne tava mou cara.</p>
	<p>E o pão? Era 10 centavos, agora é um real. La na Rainha de Taipas, é mou caro o pão. (...) O arroz gente, o arroz aumentou demais.</p>
	<p>Ou ela ia trabalhar, ou ela perdia o emprego. Mas no fim, ela acabou perdendo o emprego do mesmo jeito, tanto sacrifício pra nada. Um dia ela começou a sentir umas coisas, febre, dor de cabeça... Ai ela foi no postinho e fez exame, ai deram pra ela um atestado de uns dias, a patroa dela não gostou não, mandou ela embora.</p>

Fonte: Elaboração da autora

Segundo os dados levantados pelo Instituto Data Favela, cerca de 80% das famílias que residem em áreas periféricas, sobreviveram a pandemia com menos da metade da renda e os maiores reflexos da perda da renda estavam, principalmente, na alimentação. Essa situação tornou-se ainda mais evidente quando em 2021, o Brasil retornou ao mapa da fome com mais de 19 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar grave (INSTITUTO DATA FAVELA, 2021).

Além das preocupações relacionadas à diminuição da renda familiar, algo preocupante que foi mencionado, foi acerca da alta dos preços dos alimentos, além dos valores dos itens de proteção individual, como as máscaras e o álcool em gel. Os enfrentamentos não param por aí. Junto ao desemprego e situações de baixa renda, o aumento da violência foi uma consequência, que abordaremos no próximo item.

3.1.3 - Aumento de violências

A Pandemia agravou a violência contra mais os mais vulneráveis no Brasil. Ela representou um problema adicional para as populações periféricas. Podemos observar nos trechos das entrevistas, situações que os adolescentes relatam de roubos, assaltos e violência doméstica em diversas ocasiões, conforme demonstrado no quadro abaixo:

Aumento de violências	Os meninos na minha rua roubavam e levavam as cargas pra lá, ai a polícia ia e era tiroteio pra lá, tiroteio pra cá (risadas). Aí você acha que a gente ia ter medo do COVID? Não, eu tinha era medo das 'bala perdida' (risadas). As vielas ali era carga roubada todo dia.
	Nossa, verdade. E quando derrubaram uma carga roubada de pão de queijo? Geral foi lá buscar pão de queijo. Foi dahora. Tinha uns ladrão que roubava as cargas de comida e deixava o caminhão lá na rua pra ajudar a população.
	Nossa, pegaram uma de danone, eu vi uma correria lá na viela, uma par de gente correndo, daqui a pouco chega meu pai com um monte de danone e salsicha em casa pra gente (risadas). Passou um tempo, chegou a polícia... Ainda bem que meu pai já tinha guardado dentro de casa. Vish, lá na viela era direto.
	Meu filho, você vê um caminhão chegando na quebrada, já sabe que é carga roubada. Pode ver, os meninos da biqueira, tudo de iphone. Por isso que os jovens daqui tudo quer trabalhar na biqueira. Se você trabalha direitinho, você nunca vai conseguir comprar um iphone.
	Eu brinco com as minhas amigas tentando adivinhar se o caminhão é carga roubada ou não (risadas) a gente fica ali sentada na quadra olhando os caminhão passar e fica: esse é, esse não é.
	Eu vivia estressado com a minha irmã dentro de casa. Ela separou do marido porque o marido dela bateu nela, ele já batia né, mas depois quando ele parou de trabalhar, acho que ele ficou mais estressado e batia nela quase todo dia, ai ela voltou lá pra casa. Pense numa menina chata, era o dia todo gritando, acho que é por isso que o marido dela batia nela.

Fonte: Elaboração da autora

Todos os dias, as famílias que residem na periferia lidam com a violência em suas diversas facetas: Violência doméstica, criminalidade, violência de direitos, porém essas situações ficaram ainda mais evidenciadas na Pandemia. Relatos nos mostram que até mesmo

indivíduos considerados criminosos, buscavam de forma equivocada, superar essa situação de vulnerabilidade:

E quando derrubaram uma carga roubada de pão de queijo? Geral foi lá buscar pão de queijo. Foi dahora. Tinha uns ladrão que roubava as cargas de comida e deixava o caminhão lá na rua pra ajudar a população.

Trecho da entrevista coletado em outubro 2022, pela autora.

Todas essas situações mencionadas a cerca dos enfrentamentos dessa população nos remete à próxima constelação: Resistências. No próximo item, separamos trechos das entrevistas que mostram como essa população vivenciou e resistiu ao período pandêmico.

3.2 – Resistências

A segunda constelação formada, denomina-se Resistências, pois reúne partes das narrativas dos adolescentes que mostram situações onde as famílias buscavam de todas as formas, maneiras para sobreviver em meio à Pandemia. Desta constelação, duas unidades de sentido foram criadas, como na imagem abaixo:

CONSTELAÇÃO	UNIDADES DE SENTIDO
Resistências	Mobilização social na comunidade
	Empreendedorismo

Fonte: Elaboração da autora.

Estas unidades de sentido nos revelam como a própria comunidade se organizou para superarem juntos ao período pandêmico, ocasionando consequentemente o fortalecimento de vínculos das famílias com o território em que pertencem, principalmente através da ação de Organizações Sociais e campanhas de arrecadação que ocorreram para arrecadar alimentos e itens de higiene para aqueles que se encontravam em situação de vulnerabilidade. Essa constelação também nos mostra uma população que existe e resiste ao mesmo tempo que se descobrem em meio à dificuldade.

Resistências	Mobilização social na comunidade	Eu também lembro que uma vez tava dando ovo de páscoa da cacau show na associação e eu fui lá buscar.
		Verdade, na pandemia a gente ganhava várias coisas, ovo, cesta, roupa. Dessa parte eu lembro que minha mãe mandava eu ir buscar cesta na escola.
		Meu tio que mora aqui perto, sempre dava marmitta pro povo e cesta básica.
		Eu tinha que buscar cesta básica pros velhos lá do quintal.
		Eu ia buscar [cesta básica] lá no campão. Nossa, eles davam muita cesta básica. Lá ficava cheio de fila.
		A cesta básica foi bom pra quem não tava trabalhando e não tinha dinheiro pra comprar nada.
		Aqui dava até cesta né? Meu vô pegou uma cesta aqui grandona.
		Tinha uns ladrão que roubava as cargas de comida e deixava o caminhão lá na rua pra ajudar a população.
	Empendedorismo	Meu pai quando perdeu o emprego, ele amassava panela velha e vendia no ferro velho. Fazia mou grana. A gente sobreviveu.
		Na minha rua o povo tudo fez comércio. É lojinha, é adega. Onde você vai, virou tem uma adega. Meu vizinho inventou de fazer um mercado, e outro na mesma rua fez um mercado também, a gente ta chic aqui. O bom é que ninguém assalta, porque é de morador daqui.
Ali na praça do CCA, abriu logo três adegas. Tem a do Chael, tem a do outro lado da rua e tem a do Renato também.		

		<p>É por causa dos baile, o povo vende muito nos dias de baile. E lanche também, as mulherada tudo vendendo lanche no ifood. É bom pros muleque que sempre tem trampo de entregador.</p>
		<p>Ela não recebeu essas coisas de quem trabalha registrado, só um pouco de dinheiro, ai ela pegou esse dinheiro, foi no atacadão e comprou umas coisas pra fazer bolo de pote pra vender. Ela começou a vender bolo de pote e não é que deu certo?! No começo, ela colocava uns bolo em uma vasilha grande e ia lá pra estação de trem lá de Pirituba vender. Ela vendia tudo. Ai depois, começou a vender só em casa, os vizinhos tudo comprava. Ai meu tio, tem uma moto né, que ele trabalha de motóca, ai ele começou a fazer entrega pra ela. Ela postava nos status, no instagram, ai um ia indicando pros outros e quando a gente foi ver, ela tava vendendo demais.</p>
		<p>Ela nunca mais quer trabalhar fora, hoje em dia ela ganha muito mais do que ficar trabalhando pros outros. Ela entrou no lfood, contratou uma menina lá pra trabalhar com ela, meu tio ajuda nas entrega... Ela ta suave agora.</p>
		<p>Pra minha mãe, pra minha família, a pandemia foi boa, porque mostrou pra ela que ela tem capacidade, que ela é dona do próprio negócio dela. Se não tivesse a pandemia, ela ainda ia ta la, trabalhando na casa dos outros, recebendo pouco e infeliz.</p>
		<p>Mas você viu o tanto de gente aqui da favelinha que abriu coisas também na Pandemia? Coisa de lanche, adega, tabacaria, mercadinho.... Acho que o povo aprendeu a se virar.</p>

3.2.1 – Mobilização Social na Comunidade

A Brasilândia ganhou visibilidade na mídia em 2020 quando se tornou destaque sendo a região com maior número de pessoas contaminadas por covid na Capital e consequentemente, diversas empresas e institutos passaram a procurar as Organizações sociais que atuavam dentro desse território. Muitas organizações sociais passaram a arrecadar e a distribuir alimentos, roupas, produtos de higiene e diversas doações. Essa situação mobilizou maior parte dos moradores, criando-se uma corrente de mobilização social. Percebe-se nas falas dos adolescentes entrevistados, diversas ocasiões que estes, relatam que essa mobilização contribuiu para a superação da vulnerabilidade social durante a pandemia. Na imagem a seguir, destacamos os trechos onde esses dados aparecem:

Mobilização social na comunidade	Eu também lembro que uma vez tava dando ovo de páscoa da cacau show na associação e eu fui lá buscar.
	Verdade, na pandemia a gente ganhava várias coisas, ovo, cesta, roupa. Dessa parte eu lembro que minha mãe mandava eu ir buscar cesta na escola.
	Meu tio que mora aqui perto, sempre dava marmita pro povo e cesta básica.
	Eu tinha que buscar cesta básica pros velhos lá do quintal.
	Eu ia buscar [cesta básica] lá no campão. Nossa, eles davam muita cesta básica. Lá ficava cheio de fila.
	A cesta básica foi bom pra quem não tava trabalhando e não tinha dinheiro pra comprar nada.
	Aqui dava até cesta né? Meu vô pegou uma cesta aqui grandona.
	Tinha uns ladrão que roubava as cargas de comida e deixava o caminhão lá na rua pra ajudar a população.

Fonte: Elaboração da autora.

Porém, a pandemia estendeu-se por um longo período e logo, depois de alguns meses, a Brasilândia foi deixando de ser notícia e aos poucos as organizações sociais que atuavam no

território, passaram a enfrentar dificuldades em receber doações ao mesmo tempo que o desemprego continuava, a fome aumentava e as pessoas continuavam procurando apoio. Mas quando falamos em uma população periférica, retomamos as origens delas e destacamos que a nossa história é de luta, resistência e superação e os dados levantados neste trabalho nos mostra em diversos depoimentos coletados nas entrevistas com os adolescentes que essas essências nos permeiam até os dias de hoje. Na próxima unidade de sentido, veremos famílias que superaram suas dificuldades financeiras tornando-se empreendedores e donos de seus próprios negócios.

3.2.2 – Empreendedorismo

Nesta unidade de sentido separamos trechos das entrevistas onde os adolescentes falam sobre suas famílias que se tornaram empreendedoras e vizinhos que abriram diversos comércios a fim de superarem dificuldades financeiras:

Empreendedorismo	<p>Meu pai quando perdeu o emprego, ele amassava panela velha e vendia no ferro velho. Fazia mou grana. A gente sobreviveu.</p>
	<p>Na minha rua o povo tudo fez comércio. É lojinha, é adega. Onde você vai, virou tem uma adega. Meu vizinho inventou de fazer um mercado, e outro na mesma rua fez um mercado também, a gente ta chic aqui. O bom é que ninguém assalta, porque é de morador daqui.</p>
	<p>Ali na praça do CCA, abriu logo três adegas. Tem a do Chael, tem a do outro lado da rua e tem a do Renato também.</p>
	<p>É por causa dos baile, o povo vende muito nos dias de baile. E lanche também, as mulherada tudo vendendo lanche no ifood. É bom pros muleque que sempre tem trampo de entregador.</p>
	<p>Ela não recebeu essas coisas de quem trabalha registrado, só um pouco de dinheiro, ai ela pegou esse dinheiro, foi no atacadão e comprou umas coisas pra fazer bolo de pote pra vender. Ela começou a vender bolo de pote e não é que deu certo?! No começo, ela colocava uns bolo em uma vasilha grande e ia lá pra estação de trem lá de Pirituba vender. Ela vendia tudo. Ai depois, começou a vender só em casa, os vizinhos tudo comprava. Ai meu tio, tem uma moto né, que ele trabalha de motóca, ai ele começou a fazer entrega pra ela. Ela postava nos status, no instagram, ai um ia indicando pros outros e quando a gente foi ver, ela tava vendendo demais.</p>
	<p>Ela nunca mais quer trabalhar fora, hoje em dia ela ganha muito mais do que ficar trabalhando pros outros. Ela entrou no lfood, contratou uma menina lá pra trabalhar com ela, meu tio ajuda nas entrega... Ela ta suave agora.</p>
	<p>Pra minha mãe, pra minha família, a pandemia foi boa, porque mostrou pra ela que ela tem capacidade, que ela é dona do próprio negócio dela. Se não tivesse a pandemia, ela ainda ia ta la, trabalhando na casa dos outros, recebendo pouco e infeliz.</p>
	<p>Mas você viu o tanto de gente aqui da favelinha que abriu coisas também na Pandemia? Coisa de lanche, adega, tabacaria, mercadinho.... Acho que o povo aprendeu a se virar.</p>

Fonte: Elaboração da autora

Vale ressaltar o relato de um adolescente que diz: “Pra minha mãe, pra minha família, a pandemia foi boa, porque mostrou pra ela que ela tem capacidade, que ela é dona do próprio negócio dela”. Esse trecho nos remete a fenomenologia, que nos leva a estudar os fenômenos a partir de diferentes perspectivas, assim como nessa situação. A pandemia de longe foi algo bom para o mundo em geral, mas aqui, podemos observar que os fenômenos podem se revelar para cada sujeito de uma forma diferente, podendo surpreender quaisquer possíveis evidências.

Na próxima constelação, foram aglutinadas partes das entrevistas onde os adolescentes falam sobre os impactos de um período pandêmico em suas perspectivas e abordaremos isso no item a seguir.

3.3 - Impactos pós pandêmicos

A terceira e última constelação foi nomeada “Impactos Pós Pandêmicos” onde foram reunidas partes das entrevistas em que os adolescentes demonstram suas inseguranças relacionadas ao futuro, suas perdas familiares e um dado que não pode passar despercebido: adolescentes que não se recordam da pandemia. Na imagem logo abaixo, pode-se observar de forma simplificada, como esses trechos foram divididos em três unidades de sentido.

CONSTELAÇÃO	UNIDADES DE SENTIDO
Impactos pós pandêmicos	Adolescentes que não se recordam da pandemia
	Retomada das atividades escolares
	Luto

Fonte: Elaborado pela autora

3.3.1 – Adolescentes que não se recordam da pandemia

Essa unidade de sentido reúne partes das narrativas dos adolescentes onde elas não se lembram ou se lembram vagamente da pandemia. Quando as entrevistas se iniciaram, a autora não esperava por esse dado, quando foi surpreendida logo na primeira entrevista ao observar

que essas falas eram muito recorrentes. Tanto que, como estratégia, a autora decidiu interromper as entrevistas e propor rodas de conversa e atividades em sala para que a turma retomasse o período pandêmico, como mencionado no capítulo de método.

No quadro a seguir, é possível visualizar os trechos onde os adolescentes falam sobre isso:

Adolescentes que não se recordam da pandemia	Não é que passou rápido, na época não foi rápido, mas hoje eu olho e parece que foi coisa de quinze dias ou meses. Pra mim foi, o que eu lembro é que, sei lá, é que acordava pra ir pra escola e nem tinha aula.
	Eu nem lembro, gente! Nem lembro o que eu fiz (risadas). As aulas voltaram quando mesmo?
	Pra mim esses anos nem existiram, passou assim, e já era. Como se 2019, 2020 e 2021, nem existiram. Só foi.
	Eu mesma, nem me lembro de muito detalhe, só de umas coisas.

Fonte: Elaborado pela autora

Comprova-se que os adolescentes periféricos vivenciaram situações atípicas dos demais adolescentes em geral. Uma pesquisa realizada por pesquisadoras e pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos, relata que as implicações da pandemia de Covid-19 e das medidas de isolamento social trouxeram problemas para a saúde mental dos adolescentes e afirmam:

Elencamos algumas das vivências que marcaram a adolescência nesse tempo de pandemia: necessidade de separação dos pais ou cuidadores e confinamento; necessidade de convivência grupal e isolamento social; necessidade de cuidado continuado da sociedade e fechamento ou mudanças em prioridades de atendimentos em serviços; e reflexões sobre a morte e o morrer.
(COSTA, GONÇALVES, SABINO, OLIVEIRA E CARLOS, 2021)

Esses dados nos relava um contraste de vivências. Os adolescentes periféricos entrevistados descrevem a pandemia como “anos nem existiram, passou assim, e já era. Como se 2019, 2020 e 2021, nem existiram. Só foi” (Trecho da entrevista realizada pela autora em

2022). Novamente retomamos ao olhar fenomenológico: os fenômenos se revelam de formas diferentes quando observados de perspectivas diferentes.

3.3.2 - Retomada das atividades escolares

Reunimos nessa unidade de sentido, trechos que relatam as preocupações dos adolescentes em relação à escola. Elas falam sobre as sensações de voltar as aulas pós pandemia, como foram os primeiros impactos dessa volta e revelam insegurança, devido ao tempo que ficaram sem atividades escolares. No quadro abaixo, contém as falas onde constatamos essas informações:

Retomada das atividades escolares	Eu tô no primeiro ano tendo matéria de sétimo. Foda vai ser recuperar o prejuízo depois, quando a gente chegar no ensino médio.
	Eu nem estudava direito, mais faltava do que ia. Só parece que a gente ficou mais burro, quando eu comecei a ir pra escola direito, eu não conseguia entender o que o professor falava.
	Parece que eu fiquei mais burra (risadas). Quando a escola voltou e não entendia nada que o professor falava.
	A gente voltou pra escola, parece que todo mundo tava estranho. O intervalo não é mais a mesma coisa sabe. Fora que tava tendo muita briga na escola e não era só na minha não, foi em várias. Tava passando até na televisão, varias brigas nas escolas.
	A Pandemia deixou o povo meio doido. Sei lá, meio antissocial.

Fonte: Elaborado pela autora

Relatos como “parece que eu fiquei mais burra”, e “eu não conseguia entender nada que o professor falava”, nos leva a pensar sobre os impactos que terão efeitos a longo prazo na vida desses jovens. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Unibanco sobre a “Perda de aprendizagem na pandemia” relata: .

O desempenho dos alunos é medido em pontos na escala Saeb considerando o aprendizado de língua portuguesa e matemática. A média dessa pontuação entre os estudantes brasileiros antes da pandemia não se encontrava em seu auge, mas teve

quedas alarmantes e que vão ter impacto financeiro na vida de milhões de jovens brasileiros. Isso porque, com baixos índices de aprendizado entre os estudantes, há maior evasão, e conseqüentemente eles ficam menos preparados para o mercado de trabalho, que por sua vez exige cada vez mais capacitação.

(Instituto Unibanco, 2022.)

3.3.3 - Luto

Por fim, nesta última unidade de sentido, reunimos narrativas dos entrevistados a cerca do luto. Sabemos que milhares de pessoas morreram de covid por todo o mundo, mas deixamos uma reflexão sobre a vacinação, pois sabemos que ela avançou de forma desigual nas periferias da Grande SP, de acordo com uma reportagem divulgada no G1 em julho de 2021:

Dados colhidos pelo Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade (LABCidade), através do DataSUS, do Ministério da Saúde, até 12 de julho de 2021, quando o estado de SP e a capital paulista já vacinavam pessoas abaixo de 40 anos, lugares mais periféricos e de maior vulnerabilidade socioeconômica tinham uma proporção muito menor de imunizados na faixa de 40 a 49 anos, em relação ao centro expandidos das cidades e a bairros mais ricos.

(Malu Mazza, Bom Dia SP e G1 SP — São Paulo, 23/07/2021)

No quadro abaixo, estão reunidos os trechos que compõem essa unidade de sentido:

Luto	Acho que ficou diferente, as pessoas tem medo de acontecer alguma coisa agora, muitas famílias perderam pessoas que morreram, foi uma coisa muito triste. Isso muda as pessoas.
	Eles [avós] ficaram no hospital vários dias, mais aí minha vó conseguiu sarar e voltar pra casa, o meu vô não. Minha vó nem conseguiu ir no enterro do meu vô, porque ela tava internada. Até hoje minha vó fica triste e eu fico triste por ver ela assim, as vezes ela chora.
	Muita gente morreu. Acho que isso que mudou.
	Minha mãe morreu em janeiro de 2021. Já tinha as vacinas no mundo, mas no Brasil não. Ai não deu tempo dela tomar. (...) Eu só queria que ela tivesse tido a oportunidade de ter tomado essa vacina. Talvez... (suspiro) ela estivesse aqui ainda.

Fonte: Elaboração da autora

4 - Considerações finais

Encontrar respostas para questões amplas como a que norteia esse trabalho não seria possível sem olhar a pandemia do COVID-19 pela perspectiva de pessoas que vivenciaram esse momento e pertencem à diferentes níveis sociais. Investigar um fenômeno, despindo-se de convicções próprias e opiniões pré-concebidas foi o primeiro desafio dessa pesquisa.

Quando falamos em pandemia de um modo geral, somos levados a reviver um período que foi marcado por angústia, ansiedade, mortes, isolamento social, etc. Ao pesquisar essa temática, esperavam-se narrativas como essas, mas o olhar fenomenológico é justamente isso: investigar os fenômenos a partir do que se revela, despindo-se de quaisquer pressupostos e ideias pré-concebidas. Quando imergirmos na realidade dos adolescentes entrevistados, descobrimos que o período pandêmico foi muito além do que pensamos em geral. Além dos enfrentamentos vivenciados pela população da Brasilândia durante a pandemia, essa pesquisa estampa a força de um território que ao mesmo tempo que é marcado pela vulnerabilidade social, é marcado por muitas potências. A periferia é isso, é resistência, resiliência.

De fato, os dados nos mostram que alguns impactos pós-pandêmicos são irreversíveis e devem ser recompensados a partir da formulação de Políticas Públicas Sociais, como os danos educacionais, onde crianças e adolescentes passaram dois anos sem atividades escolares, prejuízo que se estenderá por anos na vida escolar dessa juventude.

Além de todo contexto, essa pesquisa também surgiu com a finalidade de ressaltar a realidade de uma população historicamente excluída e assim compartilhar com a comunidade acadêmica, bases que possam ampliar discussões importantes sobre suas potências e (R)existências. Investigar fenômenos a partir da narrativa dos adolescentes da Brasilândia com todo esse aprofundamento social, foi possível devido ao vínculo da autora com esse território, que influenciou positivamente a definição do problema, a escolha do método e a maneira de interpretar os dados, tornando-se assim uma pesquisa de relevância social para esta comunidade.

5 - REFERÊNCIAS

- BECKER, Daniel; **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BICUDO, M. A. V. **Pesquisa Qualitativa: Significados e a razão que a sustenta**. Revista pesquisa qualitativa. Ano 1, n.1. São Paulo: SE&PQ, 2005.
- BRANDÃO. C.R. **Pensando a Pesquisa Participante**. 1987. 3ª reimpressão, São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BRUNS, M. A. T. **A redução fenomenológica de em Husserl e a possibilidade de superar impasses entre a subjetividade e a objetividade**. IN: BRUNS, M. A. T; HOLANDA, A. F. (orgs.) **Psicologia e pesquisa fenomenológica: Reflexões e perspectivas**. São Paulo: Omega editora, 2005.
- CEOLIN, R.; NASCIMENTO, V. **Interfaces entre saúde global e desigualdade social em tempos de pandemia: A (des)proteção das favelas brasileiras no enfrentamento ao Covid-19**. Revista Direito e Práx (p.950-977). Rio de Janeiro: Vol.13, N.02, 2022.
- D'ANDREA. T, P; **CONTRIBUIÇÕES PARA A DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS PERIFERIA E SUJEITAS E SUJEITOS PERIFÉRICOS, DOSSIÊ SUBJETIVIDADES PERIFÉRICAS** • Novos estud. CEBRAP 39 (1) • Jan-Apr 2020.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- GADAMER, HG. **Verdade e método**. 3ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 1999
- PIRES, R. R. C., **Os efeitos sobre grupos sociais e territórios vulnerabilizados das medidas de enfrentamento à crise sanitária da covid-19: Propostas para o aperfeiçoamento da ação pública**. Brasília, IPEA, 2020.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da Era Republicana**, 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v5n8/2237-101Xtopoi-5-08-00138.pdf>
- SZYMANSKI, H; **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Editora Plano, 2002.
- _____. **Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa**. Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados PUC-SP. Edição n. 10/11 (2000). São Paulo, 2019.
- _____. **A prática reflexiva com famílias de baixa renda**. In II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos: A pesquisa qualitativa em debate (pp. 1-7). Bauru: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa, 2004.
- SZYMANSKI, L; SZYMANSKI, H; FACHIM, F. L. **Interpretação como desocultamento: contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa**. Pro-Posições. Campinas, v.30, 2019.
- TELIS, C. **Violências na Periferia em Tempos Pandêmicos: uma perspectiva fenomenológica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2023.

TRASSI, M. de L.; **Adolescência - Violência: Desperdício de Vidas**. São Paulo: Cortez, 2006.

WHITEHEAD, M., **The concepts and principles of equity and health**. EUR/ICP/RPD 414, 7734r, Geneva: WHO, 2000.

6 – ANEXOS

Transcrições das entrevistas

Entrevista 1: realizada em 29 de outubro de 2022

Entrevistados: R, 13 anos; H, 14 anos; N, 13 anos; I, 13 anos.

Pesquisadora: Oi gente, tudo bem com vocês? Hoje eu vou fazer umas perguntas pra vocês sobre a Pandemia do coronavírus, vocês se lembram da pandemia?

R - Não

I – Um pouquinho

Pesquisadora: O ano era 2019 e a gente estava lá no CCA jogando bola, a outra educadora estava organizando o casamento dela e de repente a Branca veio falar que passou na televisão algo sobre um vírus muito letal. No dia seguinte fizemos atividades sobre as notícias que estavam passando na TV sobre o vírus. Vocês lembram?

R - É, na china

H – Nossa, verdade

Pesquisadora: Lembram? Ai começaram a falar nos jornais sobre uma contaminação geral e teve um primeiro caso aqui no Brasil, notícia vai, notícia vem e em março ou abril, estourou a pandemia aqui no Brasil, todo mundo com medo, se isolando, vocês lembram? Geral desesperado...

R – Eu acho que passou muito rápido

N - Não é que passou rápido, na época não foi rápido, mas hoje eu olho e parece que foi coisa de quinze dias ou meses. Pra mim foi, o que eu lembro é que, sei lá, é que acordava pra ir pra escola e nem tinha aula.

H – Ninguém saía, ninguém ia pra escola, mais isso foi só nos primeiros dias, depois geral ficava na rua (risadas)

R – Deram tablet na escola pra gente fazer as aulas, mas eu tirei o chip e coloquei no celular

H – Minha professora nem sabia mexer no computador, ai parece que nem corrigia as lição (risadas). Ai eu não fazia. Eu também lembro que uma vez tava dando ovo de páscoa da cacau show na associação e eu fui lá buscar.

R – Verdade, na pandemia a gente ganhava várias coisas, ovo, cesta, roupa. Dessa parte eu lembro que minha mãe mandava eu ir buscar cesta na escola.

H – Eu fiquei um mês em Franco da Rocha na casa da minha tia, mas também ficava lá trancada dentro de casa. Minha mãe mandou eu pra lá, porque aqui não tinha esse negócio de isolamento não, todo mundo ficava na rua e como ela trabalhava, mandou eu pra lá pra eu não sair.

R – Minha mãe também não deixava a gente sair. Quando saia, ela fazia a gente tirar a roupa, passar álcool em gel, aí ela trabalhava, quando ela saia de casa a gente ia pra rua e ficava lá, jogando bola. Uma parte foi chato porque minha vó é idosa, ai eu não podia ficar na casa dela porque ela tinha medo de pegar. Ela que cuidava de mim e dos meus irmãos antes da pandemia, mas como ela tinha medo de pegar, ela não ficava mais com a gente e eu que tive que cuidar dos meus irmãos.

N – Eu nem lembro, gente! Nem lembro o que eu fiz (risadas). As aulas voltaram quando mesmo?

Pesquisadora: Houve vários momentos né, em 2020 a escola ficou totalmente fechada, tendo aula apenas de forma remota. Depois das vacinas, a escola voltou em formato de rodízio e foi voltando ao normal pouco a pouco.

N – Eu nem tive aula remota, na minha escola não deu tablet não, foi só nas escolas da prefeitura. Na minha escola até tinha umas atividades no computador, mas só fazia quem tinha, eu não tinha, ai me livre. Só depois que começou aulas desse jeito ai, uma semana ia uma turma, outra semana ia a outra. Mas isso já foi em 2021.

I – Na minha era um dia sim, um dia não.

H – e eu ia? Não ia, não era obrigada a ir. Na minha era diretão, mas muitos professores faltavam e eu não ia ir pra pegar corona lá dentro.

N – Eu não tinha muito medo não porque não tinha acontecido com ninguém da minha família, ninguém pegou covid. Minha mãe pegou depois, mas ai já tinha vacina, foi de boa.

R – Eu ia, não aguentava mais ficar em casa, mas eu me cuidava. E também a escola foi voltar mesmo quando já tinha a vacina.

Pesquisadora: e a vacina deixaram vocês mais seguros?

I - Lógico.

R – Eu fiquei, tomei todas.

H – Tinha uns doido falando que a vacina ia matar todo mundo (risadas)

N – E o outro lá (Bolsonaro) não quis comprar logo no começo e matou mais gente. Ai foi soltando primeiro pros mais velhos e depois chegou na gente. A gente tomou por último, fiquei indignada! A gente é o futuro do Brasil e a gente tomou por último?

H – E se a gente morresse? (risadas) Não ia ter futuro.

N – Exatamente (risadas). Eu falava: já viveu muito, pra que dar vacina pra eles e pra mim não? (risadas)

Pesquisadora: e o CCA? Como foi lá na pandemia?

H – Ah o CCA foi top, parou só no começo, mas mesmo assim a gente podia ir lá comer, pegar atividade pra fazer em casa, eles davam até marmitta pra gente levar pra casa.

N – E teve a festa da pizza no final do ano

R – Nossa, como eu comi mano. Tinha muita pizza. Tinha até pizza doce.

H – Na hora que chegou eu já fiquei lá na fila (risadas)

R – E era pizza pra tudo quanto e lado. Agora a Branca faz todo ano.

Pesquisadora: E vocês acham que esse período da pandemia trouxe algum impacto pra vida de vocês hoje?

H – Pra mim só foi o estudo. Eu tô no primeiro ano tendo matéria de sétimo. Foda vai ser recuperar o prejuízo depois, quando a gente chegar no ensino médio.

N – Pra mim também, vendo matéria do sétimo ano, triste.

R – Pra mim esses anos nem existiram, passou assim, e já era. Como se 2019, 2020 e 2021, nem existiram. Só foi.

H - É, só foi.

I – Passou num piscar de olhos. Eu nem estudava direito, mais faltava do que ia. Só parece que a gente ficou mais burro, quando eu comecei a ir pra escola direito, eu não conseguia entender o que o professor falava.

H – Eu acho que na Pandemia as comidas ficaram mais caras. Ainda bem que a gente ganhava cesta (risadas)

R – Meu pai perdeu o emprego, ele trabalhava num CCA também, mas lá demitiram ele. Mas minha mãe trabalhava.

H – Minha mãe não perdeu o emprego não, ela trabalhava em loja. Pelo contrário, ela teve que trabalhar mais ainda. Tinha que ir trabalhar pegando busão lotado, todo dia, torcendo pra não pegar corona. Era naquela loja da Leroy Merlyn. Impressionante como o povo não parava de ir lá. Quem em plena pandemia fica indo em loja comprar coisas de decoração de casa? Só esse povo rico mesmo. Ai eles ficavam em isolamento do trabalho deles e os vendedores das lojas que eles iam gastar, tinham que trabalhar na pandemia. Impressionante. Tinha pessoas que tinha covid e ia fazer compras e minha mãe tinha que continuar trabalhando.

R – A gente não teve isolamento.

H – Vivia tendo funk. Todo fim de semana era baile.

R – A gente jogava bola na rua sem máscara

N - É mesmo, a gente jogava bola aqui na rua.

R - E eu passei a comer mais (risadas)

N – Acho que todo mundo né (risadas). Na minha casa nunca chegou a faltar nada de comer, mas teve gente que passou fome né, as coisas tava muito cara no mercado.

H – Na minha casa também não faltou, meu tio que mora aqui perto, sempre dava marmita pro povo e cesta básica.

I – E minha vó falava que toda vez que comprava as coisas no mercado tinha que lavar. Passava álcool em gel em tudo.

H – Era no carrinho, antes de entrar no mercado tinha que passar o álcool;

R – E as máscaras? Negócio chato (risadas)

H - Máscara eu não usava muito no mercado não, só no ônibus. Tinha gente que usava e era a mesma coisa que nada, deixava a máscara lá no queixo.

R – Eu nem respirava direito com aquela máscara.

I – A máscara antes do COVID era barata, aí depois o COVID veio e aumentou, ficou muito mais cara, igual o álcool em gel; Tinha gente que não tinha máscara no começo e colocava a blusa na cara (risadas)

R – Na minha escola deu um pacotão cheio de máscara pra todo mundo.

I – Mas depois que acabou o COVID que começo a dar máscara, porque no começo não tinha. E as que tinham eram caras. Nem nos postos de saúde tinha direito.

R – Mas não acabou o COVID

N – Acabou sim, pra gente acabou.

I – Pra gente nem teve na verdade (risadas).

Pesquisadora: Como assim?

I – O mundo se isolou, a gente não. O mundo parou de trabalhar, a gente não. O mundo ficou em casa e a gente vivia na rua. (risadas).

R – Mas tem gente que ainda morre por causa disso.

I – Gente que vai nas ideias do Bolsonaro e não toma a vacina (risadas). Eu também achei que as pessoas ficaram mais próximas na pandemia, as famílias sabe.

R – No começo quando falaram que eram só quinze dias foi suave, mas aí depois foi, um mês, dois meses, um ano... Aí não, eu brigava com meus irmãos o tempo todo.

H – As famílias ficaram mais próximas. Pra uns foi bom, pra mim foi horrível. Eu tinha que aturar minha irmã o dia todo (risadas). Eu e a Rayane brigava muito, a gente saía no soco e minha mãe surtava porque a gente brigava vinte e quatro horas.

R – Eu ia limpar a casa e meus irmãos ficavam me chamando o tempo todo, aí que ódio (risadas)

I – E mesmo no COVID os ‘bar’ ficou aberto e ia um monte de gente pra lá e daí se espalhava mais.

H – Os meninos na minha rua roubavam e levavam as cargas pra lá, aí a polícia ia e era tiroteio pra lá, tiroteio pra cá (risadas). Aí você acha que a gente ia ter medo do COVID? Não, eu tinha era medo das ‘bala perdida’ (risadas). As vielas ali era carga roubada todo dia.

N – Nossa, verdade. E quando derrubaram uma carga roubada de pão de queijo? Geral foi lá buscar pão de queijo. Foi dahora. Tinha uns ladrão que roubava as cargas de comida e deixava o caminhão lá na rua pra ajudar a população.

H – Nossa, pegaram uma de danone, eu vi uma correria lá na viela, uma par de gente correndo, daqui a pouco chega meu pai com um monte de danone e salsicha em casa pra gente (risadas). Passou um tempo, chegou a polícia... Ainda bem que meu pai já tinha guardado dentro de casa. Vish, lá na viela era direto.

N – Eu tinha que buscar cesta básica pros velhos lá do quintal (risadas).

R – Eu ia buscar lá no campão. Nossa, eles davam muita cesta básica. Lá ficava cheio de fila.

I – A cesta básica foi bom pra quem não tava trabalhando e não tinha dinheiro pra comprar nada

R - É, e esse negócio de COVID, logo no começo, saiu a notícia que as coisas iam acabar e os mercados iam fechar, e quem podia, corria pros mercados e comprava tudo, acho que foi por isso que as coisas ficaram tão caras também.

H – Teve uma época que fechou tudo!

N – Eu fiquei indignada! o leite era dois e cinquenta e esses dias, fui comprar tava quase oito reais. E o tang, agora é dois reais ali na vendinha.

I – A coxinha era um real e agora, ali perto de casa ta dois e cinquenta.

N – E o pão? Era 10 centavos, agora é um real. La na Rainha de Taipas, é mou caro o pão.

H – Mas tem um cara ali no começo da viela que abriu uma padaria ano passado. O pão lá é trinta centavos. Mas se for lá comprar tem que ir cedo, porque fica uma fila enorme. É muito bom. Nossa, abriu um monte de comércio lá na cocheira.

I – A carne tava mou cara.

N – O arroz gente, o arroz aumentou demais.

H - Lá em casa a gente só come frango (risadas). Minha mãe disse que não aguenta ver frango, qualquer dia ela vai criar asas (risadas)

I – Ali na dourada, roubaram logo uma carga de iphone.

H – Meu filho, você vê um caminhão chegando na quebrada, já sabe que é carga roubada. Pode ver, os meninos da biqueira, tudo de iphone. Por isso que os jovens daqui tudo quer trabalhar na biqueira. Se você trabalha direitinho, você nunca vai conseguir comprar um iphone.

N – Eu brinco com as minhas amigas tentando adivinhar se o caminhão é carga roubada ou não (risadas) a gente fica ali sentada na quadra olhando os caminhão passar e fica: esse é, esse não é (risadas).

Pesquisadora: Vocês não acham perigoso?

H - Não porque eles não mechem com a gente que é morador.

I – Eu tenho mais medo é da polícia (risadas).

Pesquisadora: Pra encerrar, em poucas palavras, como vocês definem a Pandemia?

I – Aumentou os preços;

H – Entediante. Foi uma chatisse.

R – Sobrevivemos.

N - Não morremos (risadas)

I – É, meu pai quando perdeu o emprego, ele amassava panela velha e vendia no ferro velho. Fazia mou grana. A gente sobreviveu.

H – Na minha rua o povo tudo fez comércio. É lojinha, é adega. Onde você vai, virou tem uma adega. Meu vizinho inventou de fazer um mercado, e outro na mesma rua fez um mercado também, a gente ta chic aqui. O bom é que ninguém assalta, porque é de morador daqui.

R – Ali na praça do CCA, abriu logo três adegas. Tem a do Chael, tem a do outro lado da rua e tem a do Renato também.

I - É por causa dos baile, o povo vende muito nos dias de baile. E lanche também, as mulherada tudo vendendo lanche no ifood. É bom pros muleque que sempre tem trampo de entregador.

N - É um ajudando o outro.

(silêncio)

Entrevistadora: É isso gente, agradeço muito a participação de vocês nessa pesquisa.

Entrevista 2: Realizada em 26 de julho de 2023

Entrevistados: L, 13 anos; P, 12 anos; B, 14 anos; S, 13 anos.

Entrevistadora: Oi gente, tudo bem? Tô aqui fazendo uma pesquisa pra faculdade, pra saber um pouco como foi a Pandemia do coronavirus pra vocês, como vocês passaram por tudo isso.

(silêncio)

Entrevistadora: Pode começar gente, um de cada vez.

(risadas)

L: Ah, acho que eu não tenho muita coisa pra falar

Entrevistadora: Não tem muita coisa pra falar? A pandemia trouxe alguma mudança na vida de vocês, assim, comparando como era antes e como é agora? Vocês lembram?

S: Ah, lembro que a gente tinha que ficar usando aquelas máscaras, muito chato. No começo a gente quase não podia sair direito.

L: E na escola a gente teve que ficar fazendo aula online, ai as pessoas ficavam colando, então não aprendia muito, era mais facil colar. E também seria mais legal se a gente tivesse na sala de aula pra conviver com os outros alunos, tipo, conversar mais e na aula online não dava pra gente conversar, não tinha recreio com os amigos, então essa parte foi um pouco chato.

B: Eu nem tive aula online (risadas)

Entrevistadora: Como assim? Uns tiveram, outros não?

B: É que só tinha nas escolas da prefeitura. A minha escola não é da prefeitura. A professora até passava umas coisas, mas só fazia quem tinha celular ou computador, não era obrigado. Mas ai mesmo se eu tivesse eu não ia fazer, não era obrigado mesmo (risadas).

S: Essa coisa de aula online pra mim não foi muito bom, a gente não estudamos. Ate tinha uns professores que passavam uns desafios, uns jogos, mas eu mesma não aprendi nada.

P: E quando a internet caia e a gente tinha que fazer tudo dinovo no computador? Dava uma raiva.

Entrevistadora: Sua internet era ruim?

P: Eu fazia aqui na praça. Aqui na praça tem wifi Luci, você não sabia? (risadas). O Wi-fi daqui é melhor do que a internet do celular da minha vó. Cai as vezes, mais é bom.

Entrevistadora: Eu uso também (risadas)

L: As escolas fecharam tudo né, no começo. Nossa, ainda bem que tinha o CCA.

P: Mas não tinha CCA

L: Tinha sim. Não tinha o dia todo, mas a branca abria o portão, dava almoço, marmita pra gente... A Luci e a Isa dava atividade pra gente levar e fazer em casa, não é Luci?

P: É mesmo (risadas). Eu ganhei uma vez uma caixa com um monte de coisa pra fazer em casa, atividades, desenho.

L: Eu ficava em casa no tédio, ai pegava aqui as atividades toda semana. Isso me salvou, porque eu não ia pra escola, não saia na rua, não fazia nada. Tava ficando louca já.

B: Aqui dava até cesta né? Meu vô pegou uma cesta aqui grandona.

Entrevistadora: E como foi na casa de vocês, na família?

L: Minha mãe trabalhava normal e o meu irmão mais velho cuidava de mim e do meu irmão mais novo. Ai depois ela pegou corona e ficou em casa, quando voltou pra trabalhar, mandaram ela embora. Mas também, como ela não ia pegar? Ela ia trabalhar de onibus, mesmo de máscara, as pessoas estão correndo risco de pegar. O certo era ficar em casa.

Entrevistadora: Mas vocês ficaram em casa?

L: Eu fiquei.

B: Eu não fiquei não (risadas). Eu ficava na rua, jogando bola com os moleques.

L: Eu fiquei no começo (risadas), depois eu comecei a ir brincar na rua de lazer. Eu ficava lá jogando bola.

P: Eu jogava bola com o Beni aqui na praça (risadas).

B: Mas a praça aqui ficava cheia. No começo bem no comecinho, as pessoas tinham medo de sair na rua, mais isso foi pouco tempo. Não tinha escola, o Deltas parou, não tinha CCA, a gente ficava na praça.

(Risadas)

S: Tinha CCA sim! Eu lembro que eu vinha e tinha que ficar de máscara.

B: Mas foi depois.

S: O CCA não fechou. A gente vinha, só que eram menos gente, e gente ficava sentado longe um do outro, lembra Luci?

Entrevistadora: Eu já tinha saído daqui nessa época, mas lembro sim, porque eu sempre vinha aqui visitar vocês.

B: É mesmo, dava mou raiva, eu tirava a máscara e a Carol mandava colocar (risadas). Imagina que ruim jogar bola com aquele pano na cara? Era horrível.

L: Mas se não tivesse máscara, nós tava tudo 'coronado' (risadas).

P: Toda vez eu vinha e esquecia a máscara em casa, chegava aqui, a Branca me dava no portão.

Entrevistadora: E no que vocês acham que a Pandemia impactou nas nossas vidas?

L: Acho que ficou diferente, as pessoas tem medo de acontecer alguma coisa agora, muitas famílias perderam pessoas que morreram, foi uma coisa muito triste. Isso muda as pessoas.

S: A minha prima ficou com corona, mas foi fraco, porque ela nem chegou a ficar internada no hospital. Mas agora ela tem medo de tudo, nem tem corona mais e ela anda de máscara.

P: Tem corona sim, só que tem vacina agora. Eu tomei. Minha vó e meu vô pegaram corona, mas não tinha vacina.

Entrevistadora: E como foi? Você se sente à vontade em falar? Se não quiser, tudo bem.

P: Tudo bem. Eles ficaram no hospital vários dias, mais aí minha vó conseguiu sarar e voltar pra casa, o meu vô não. Minha vó nem conseguiu ir no enterro do meu vô, porque ela tava internada. Até hoje minha vó fica triste e eu fico triste por ver ela assim, as vezes ela chora. Mas também teve o meu pai que morreu também, mas ele não foi de corona não, acho que mataram ele, meu tio não me fala, mas eu sei que foi isso.

Entrevistadora: Meus sentimentos “P”, se quiser conversar após a entrevista, estou a disposição.

L: É, muita gente morreu. Acho que isso que mudou.

Entrevistadora: Se vocês puderem resumir em três palavras, o que foi a Pandemia para vocês, quais seriam essas palavras?

L: Ruim, chato e entediante.

S: Máscara chata, sem escola e chatisse.

P: Mortes, medo e Esperança.

B: Sem bola, sem escola, sem graça (risadas)

Entrevistadora: É isso então pessoal, muito obrigada pela participação de vocês.

Entrevista 3 – Realizada em 29 de julho de 2023.

Entrevistados: M, 14 anos; E, 13 anos; D, 15 anos; M, 15 anos.

Entrevistadora: Oi gente, boa tarde! Tô aqui hoje pra fazer umas perguntas pra vocês sobre a Pandemia. Isso tudo faz parte de uma pesquisa que estou fazendo na faculdade, tudo bem?

Ma: É da PUC a sua faculdade, né Luci?

Entrevistadora: Sim

Ma: A PUC é muito chic (risadas)

E: As mulher da PUC que vem aqui no CCA são tudo chic (risadas)

Entrevistadora: Uai, eu não sou chic

E: Não, você não, não to falando de você... você mora aqui. O povo lá da PUC não, eles não moram aqui, eles devem morar lá no centro, pra aqueles lados de lá.

Entrevistadora: Entendo vocês, eu pensava assim também quando eu era novinha. Mas uma vez, um professor que eu tive em um cursinho, me disse que nós que moramos na quebrada, precisamos ocupar todos os lugares possíveis que existem, preencher as vagas das melhores faculdades e a gente pode, só precisamos estudar bastante e nos dedicar em tudo que a gente se propor a fazer. Um dia me falaram isso, hoje eu tô aqui falando isso pra vocês. Mas então, pra começarmos, gostaria que vocês me falassem um pouco sobre como foi a Pandemia pra vocês, como foi passar por ela, olhando daqui de onde a gente mora?

D: Pra mim a pandemia nem existiu

E: Eu mesma, nem me lembro de muito detalhe, só de umas coisas

Entrevistadora: Tudo bem, me falem sobre o que vocês lembram

D: Eu ouvi muitas coisas ruins sobre a pandemia, mas pra mim ela foi boa. Acho que as pessoas melhoraram

Entrevistadora: Como assim?

D: Minha mãe mesmo, ela trabalhava na casa de uma mulher lá na Paulista. No começo da Pandemia, lembro que todo mundo tinha que ficar em casa, pra não pegar esse negócio, mas minha mãe teve que ir trabalhar. Ela ia todo dia, pegava ônibus, andava na rua, a vida dela não mudou não.

Entrevistadora: Mas muitas pessoas tiveram que trabalhar de casa, tipo “home office” sabe? Sua mãe, não teve essa opção?

D: Como? (risadas) Ou ela ia trabalhar, ou ela perdia o emprego. Mas no fim, ela acabou perdendo o emprego do mesmo jeito, tanto sacrifício pra nada. Um dia ela começou a sentir umas coisas, febre, dor de cabeça... Ai ela foi no postinho e fez exame, ai deram pra ela um atestado de uns dias, a patroa dela não gostou não, mandou ela embora.

Entrevistadora: Ela trabalhava registrada?

D: Não, ela era essas mulher que limpa casa.

Entrevistadora: E como foi perder o emprego? Vocês ficaram sem dinheiro?

D: No começo foi difícil, ela não recebeu essas coisas de quem trabalha registrado, só um pouco de dinheiro, aí ela pegou esse dinheiro, foi no atacadão e comprou umas coisas pra fazer bolo de pote pra vender. Ela começou a vender bolo de pote e não é que deu certo?! No começo, ela colocava uns bolo em uma vasilha grande e ia lá pra estação de trem lá de Pirituba vender. Ela vendia tudo. Aí depois, começou a vender só em casa, os vizinhos tudo comprava. Aí meu tio, tem uma moto né, que ele trabalha de motóca, aí ele começou a fazer entrega pra ela. Ela postava nos status, no instagram, aí um ia indicando pros outros e quando a gente foi ver, ela tava vendendo demais.

E: Eu já comi os bolo da mãe dele (risadas) é top viu Luci

Entrevistadora: Que bacana! Ela ainda vende? Ou ela pensa em voltar a trabalhar fora?

D: Tá doida! Ela nunca mais quer trabalhar fora, hoje em dia ela ganha muito mais do que ficar trabalhando pros outros. Ela entrou no Ifood, contratou uma menina lá pra trabalhar com ela, meu tio ajuda nas entrega... Ela tá suave agora. Por isso que eu falo: A Pandemia pra mim nem existiu.

Entrevistadora: Mas o vírus existiu, muita gente morreu por causa disso

D: Mas eu falo que não existiu no sentido de ser tudo isso que o povo fala, tudo de ruim sabe. Pra minha mãe, pra minha família, a pandemia foi boa, porque mostrou pra ela que ela tem capacidade, que ela é dona do próprio negócio dela. Se não tivesse a pandemia, ela ainda ia tá lá, trabalhando na casa dos outros, recebendo pouco e infeliz.

Entrevistadora: Hoje ela é feliz?

D: Ho se é! Você tem que ver como ela gosta de fazer bolo. Ela manja viu.

Ms: Mas você viu o tanto de gente aqui da favelinha que abriu coisas também na Pandemia? Coisa de lanche, adegas, tabacaria, mercadinho.... Acho que o povo aprendeu a se virar.

D: Luci, você mora aqui, você sabe. A gente não teve esses negócios de fechar tudo não (risadas), os mercadinhos abria normal, a gente ficava na rua, jogava bola. Só as escolas que ficou fechada mesmo.

E: É mesmo, a praça ali do Ivo, ficava cheio de gente a noite. Tinha até baile na cocheira (risadas).

Ma: Mas não era a mesma coisa, foi diferente. É isso que a Luci ta falando, né Luci? Teve sim doença, teve máscara, teve gente contaminada.

E: Essa parte da máscara foi triste, eu odiava. A gente tinha que ficar de máscara no CCA, jogar bola de máscara e tudo.

Entrevistadora: O CCA funcionou na Pandemia né?

E: Sim, mas tinha pouca gente e a gente tinha que ficar longe um do outro, tinha que sentar separado no refeitório, tinha que ficar lavando a mão toda hora. A gente abaixava a máscara por um minutinho, a branca já vinha mandando a gente arrumar a máscara. Era chato né, mas era pro nosso bem.

Ma: Eu não fui pro CCA na pandemia. Eu ia bem no comecinho só pegar as atividades e levar pra casa, pra fazer em casa. Eu nem ia direito porque eu ficava com a minha sobrinha em casa.

Entrevistadora: E a escola? Como foi na escola?

D: A minha escola ficou fechada um bom tempo, depois deram uns tablet lá, mas foi depois que a gente perdeu o ano quase todo.

Entrevistadora: E tinha internet pra usar? Como eram as atividades?

D: Sim, os tablets vinham com um chip com internet. A gente usava um aplicativo pra fazer as atividades. Eu consegui fazer porque minha mãe me ajudava, mas não era fácil não. Eu tinha amigos que não conseguiram. Os professores colocavam atividades lá, a gente tinha que entrar e fazer uma por uma. Ai tinha data pra entregar e tal, mas era muita atividade, não tinha professor pra explicar nada, alguns até mandavam mensagem lá no chat, mas não era a mesma coisa. Nossa, foi chato pra caramba.

E: Vocês ainda tiveram tablet, na minha escola não teve não.

Entrevistadora: Como assim não? Não foi em todas as escolas?

E: Não, foi só nas escolas da prefeitura. A gente que não é da prefeitura quase não estudou. Quem tinha celular, conseguia falar com as professoras, falar no grupo da sala, mas quem não tinha, ficou OFFLINE (risadas). Mas a diretora falou que não repetia de ano mesmo, então tudo bem.

Entrevistadora: Deve ter sido estranho ficar sem aula né?

Ma: Eu achei, parece que eu fiquei mais burra (risadas). Quando a escola voltou e não entendia nada que o professor falava.

D: O ruim de ser online é que a gente até esqueceu como que socializa (risadas)

Entrevistadora: Como assim, esquece como socializa?

D: Ah, a gente voltou pra escola, parece que todo mundo tava estranho. O intervalo não é mais a mesma coisa sabe. Fora que tava tendo muita briga na escola e não era só na minha não, foi em várias. Tava passando até na televisão, varias brigas nas escolas.

E: Eu vi mesmo, vários vídeos que tá rolando ai no zap. Você viu aquelas minas lá na porta do Solimeo? Até a prima da Nicole apareceu no video. Tinha uma mina lá que levou até uma faca na mochila, foi tenso.

Entrevistadora: Mas vocês acham que isso tem alguma coisa relacionada à Pandemia?

Ma: Claro que tem. A Pandemia deixou o povo meio doido (risadas).

Entrevistadora: Como assim, doido?

Ma: Sei lá, antissocial.

Entrevistadora: E como foi passar por tudo isso? Se vocês pudessem resumir a Pandemia em três palavras, quais palavras seriam?

D: Foi desafiador. Pra uns foi bom, pra outros não né. Teve gente que perdeu pessoas da família, gente que ficou sem trabalho. Pra mim a pandemia, em três palavras foi aprendizado, fatalidade e injustiça.

Entrevistadora: Injustiça? Como assim?

D: É o que eu tava falando no começo, a gente que é pobre não teve isolamento, não teve como ficar em casa. A gente teve que trabalhar, correndo risco de ficar doente. Esse negócio de ficar em casa só serviu pra passar na televisão, pro povo rico sabe? Esse isolamento (social) foi um luxo que a gente não teve, por isso é injustiça.

Entrevistadora: E vocês?

Ms: Pra mim foi chato, entediante e estressante, porque eu vivia estrassado com a minha irmã dentro de casa. Ela separou do marido porque o marido dela bateu nela, ele já batia né, mas depois quando ele parou de trabalhar, acho que ele ficou mais estressado e batia nela quase

todo dia, ai ela voltou lá pra casa. Pense numa menina chata, era o dia todo gritando, acho que é por isso que o marido dela batia nela.

Entrevistadora: E vocês?

E: Ah, sei lá... Acho que chato, gerou oportunidades, e sem escola (risadas)

Ma: Pra mim foi... ah, não sei. Acho que as palavras seriam medo, mortes e esperança.

Entrevistadora: Vocês gostariam de dizer mais alguma coisa sobre como foi a Pandemia pra vocês?

D: Eu já falei demais (risadas)

E: Até que falamos muito, parecia que não ia sair nada no começo (risadas).

Ma: Eu só queria dizer que eu tomei a vacina e que a vacina salva vidas.

Ms: É, vacina salva. Minha mãe morreu em janeiro de 2021. Já tinha as vacinas no mundo, mas no Brasil não. Ai não deu tempo dela tomar.

Entrevistadora: Sua mãe faleceu de COVID?

Ms: Sim, ela ficou internada uns dias depois do natal de 2020. Passou a virada do ano entubada. Ai no dia três de janeiro, ligaram do hospital falando pra gente ir lá, ai já sabe é? Ela não resistiu.

Entrevistadora: Sinto muito. Se quiser conversar após a entrevista, estou à disposição.

Ms: Tranquilo, eu só queria que ela tivesse tido a oportunidade de ter tomado essa vacina. Talvez... (suspiro) ela estivesse aqui ainda.

Entrevistadora: Sinto muito.

(silêncio)

Entrevistadora: Então é isso pessoal, agradeço muito a participação de vocês nesse trabalho.

Quadro completo de trechos separados em constelações e unidades de sentido

CONSTELAÇÕES	UNIDADES DE SENTIDO	TRECHO
<p>Enfrentamentos</p>	<p>Ausência das medidas restritivas que evitavam a proliferação do COVID19</p>	<p>Ninguém saía, ninguém ia pra escola, mais isso foi só nos primeiros dias, depois geral ficava na rua.</p>
		<p>Tinha que ir trabalhar pegando busão lotado, todo dia, torcendo pra não pegar corona. Era naquela loja da Leroy Merlyn. Impressionante como o povo não parava de ir lá. Quem em plena pandemia fica indo em loja comprar coisas de decoração de casa? Só esse povo rico mesmo. Ai eles ficavam em isolamento do trabalho deles e os vendedores das lojas que eles iam gastar, tinham que trabalhar na pandemia. Impressionante. Tinha pessoas que tinha covid e ia fazer compras e minha mãe tinha que continuar trabalhando.</p>
		<p>Eu fiquei um mês em Franco da Rocha na casa da minha tia, mas também ficava lá trancada dentro de casa. Minha mãe mandou eu pra lá, porque aqui não tinha esse negócio de isolamento não, todo mundo ficava na rua e como ela trabalhava, mandou eu pra lá pra eu não sair.</p>
		<p>Quando ela saía de casa a gente ia pra rua e ficava lá, jogando bola.</p>
		<p>A gente não teve isolamento. Vivia tendo funk. Todo fim de semana era baile... A gente jogava bolana rua sem máscara.</p>
		<p>O mundo se isolou, a gente não. O mundo parou de trabalhar, a gente não. O mundo ficou em casa e a gente vivia na rua.</p>
		<p>E mesmo no COVID os bar ficou aberto e ia um monte de gente pra lá e dai se espalhava mais.</p>

		<p>Eu não fiquei não [em casa]. Eu ficava na rua, jogando bola com os moleques. Mas a praça aqui ficava cheia. No começo bem no comecinho, as pessoas tinham medo de sair na rua, mais isso foi pouco tempo. Não tinha escola, o Deltas parou, não tinha CCA, a gente ficava na praça.</p>
		<p>Eu fiquei no começo [em casa], depois eu comecei a ir brincar na rua de lazer. Eu ficava lá jogando bola.</p>
		<p>Minha mãe mesmo, ela trabalhava na casa de uma mulher lá na Paulista. No começo da Pandemia, lembro que todo mundo tinha que ficar em casa, pra não pegar esse negócio, mas minha mãe teve que ir trabalhar. Ela ia todo dia, pegava ônibus, andava na rua, a vida dela não mudou não.</p>
		<p>A gente não teve esses negócios de fechar tudo não (risadas), os mercadinhos abria normal, a gente ficava na rua, jogava bola. Só as escolas que ficou fechada mesmo.</p>
		<p>É mesmo, a praça ali do Ivo, ficava cheio de gente a noite. Tinha até baile na cocheira.</p>
		<p>Ai depois ela pegou corona e ficou em casa, quando voltou pra trabalhar, mandaram ela embora. Mas também, como ela não ia pegar? Ela ia trabalhar de onibus, mesmo de máscara, as pessoas estão correndo risco de pegar. O certo era ficar em casa.</p>
		<p>A gente que é pobre não teve isolamento, não teve como ficar em casa. A gente teve que trabalhar, correndo risco de ficar doente. Esse negócio de ficar em casa só serviu pra passar na televisão, pro povo rico sabe? Esse isolamento (social) foi um luxo que a gente não teve.</p>
	<p>Situação socioeconomica vulnerável (Desemprego e renda)</p>	<p>Mas teve gente que passou fome né, as coisas tava muito cara no mercado.</p>

		<p>A máscara antes do COVID era barata, aí depois o COVID veio e aumentou, ficou muito mais cara, igual o álcool em gel;</p>
		<p>É, e esse negócio de COVID, logo no começo, saiu a notícia que as coisas iam acabar e os mercados iam fechar, e quem podia, corria pros mercados e comprava tudo, acho que foi por isso que as coisas ficaram tão caras também.</p>
		<p>Eu fiquei indignada! o leite era dois e cinquenta e esses dias, fui comprar tava quase oito reais. E o tang, agora é dois reais ali na vendinha.</p>
		<p>A coxinha era um real e agora, ali perto de casa ta dois e cinquenta. (...) A carne tava mou cara.</p>
		<p>E o pão? Era 10 centavos, agora é um real. La na Rainha de Taipas, é mou caro o pão. (...) O arroz gente, o arroz aumentou demais.</p>
		<p>Ou ela ia trabalhar, ou ela perdia o emprego. Mas no fim, ela acabou perdendo o emprego do mesmo jeito, tanto sacrifício pra nada. Um dia ela começou a sentir umas coisas, febre, dor de cabeça... Ai ela foi no postinho e fez exame, ai deram pra ela um atestado de uns dias, a patroa dela não gostou não, mandou ela embora.</p>
	<p>Aumento de violências</p>	<p>Os meninos na minha rua roubavam e levavam as cargas pra lá, ai a polícia ia e era tiroteio pra lá, tiroteio pra cá (risadas). Aí você acha que a gente ia ter medo do COVID? Não, eu tinha era medo das 'bala perdida' (risadas). As vielas ali era carga roubada todo dia.</p>
		<p>Nossa, verdade. E quando derrubaram uma carga roubada de pão de queijo? Geral foi lá buscar pão de queijo. Foi dahora. Tinha uns ladrão que roubava as cargas de comida e deixava o caminhão lá na rua pra ajudar a população.</p>

		<p>Nossa, pegaram uma de danone, eu vi uma correria lá na viela, uma par de gente correndo, daqui a pouco chega meu pai com um monte de danone e salsicha em casa pra gente (risadas). Passou um tempo, chegou a polícia... Ainda bem que meu pai já tinha guardado dentro de casa. Vish, lá na viela era direto.</p>
		<p>Meu filho, você vê um caminhão chegando na quebrada, já sabe que é carga roubada. Pode ver, os meninos da biqueira, tudo de iphone. Por isso que os jovens daqui tudo quer trabalhar na biqueira. Se você trabalha direitinho, você nunca vai conseguir comprar um iphone.</p>
		<p>Eu brinco com as minhas amigas tentando adivinhar se o caminhão é carga roubada ou não (risadas) a gente fica ali sentada na quadra olhando os caminhão passar e fica: esse é, esse não é.</p>
		<p>Eu vivia estrassado com a minha irmã dentro de casa. Ela separou do marido porque o marido dela bateu nela, ele já batia né, mas depois quando ele parou de trabalhar, acho que ele ficou mais estressado e batia nela quase todo dia, ai ela voltou lá pra casa. Pense numa menina chata, era o dia todo gritando, acho que é por isso que o marido dela batia nela.</p>
<p>Resistências</p>	<p>Mobilização social na comunidade</p>	<p>Eu também lembro que uma vez tava dando ovo de páscoa da cacau show na associação e eu fui lá buscar.</p>
		<p>Verdade, na pandemia a gente ganhava várias coisas, ovo, cesta, roupa. Dessa parte eu lembro que minha mãe mandava eu ir buscar cesta na escola.</p>
		<p>Meu tio que mora aqui perto, sempre dava marmita pro povo e cesta básica.</p>
		<p>Eu tinha que buscar cesta básica pros velhos lá do quintal.</p>

		Eu ia buscar [cesta básica] lá no campão. Nossa, eles davam muita cesta básica. Lá ficava cheio de fila.
		A cesta básica foi bom pra quem não tava trabalhando e não tinha dinheiro pra comprar nada.
		Aqui dava até cesta né? Meu vô pegou uma cesta aqui grandona.
		Tinha uns ladrão que roubava as cargas de comida e deixava o caminhão lá na rua pra ajudar a população.
	Empreendedorismo	Meu pai quando perdeu o emprego, ele amassava panela velha e vendia no ferro velho. Fazia mou grana. A gente sobreviveu.
		Na minha rua o povo tudo fez comércio. É lojinha, é adega. Onde você vai, virou tem uma adega. Meu vizinho inventou de fazer um mercado, e outro na mesma rua fez um mercado também, a gente ta chic aqui. O bom é que ninguém assalta, porque é de morador daqui.
		Ali na praça do CCA, abriu logo três adegas. Tem a do Chael, tem a do outro lado da rua e tem a do Renato também.
		É por causa dos baile, o povo vende muito nos dias de baile. E lanche também, as mulherada tudo vendendo lanche no ifood. É bom pros muleque que sempre tem trampo de entregador.

		<p>Ela não recebeu essas coisas de quem trabalha registrado, só um pouco de dinheiro, ai ela pegou esse dinheiro, foi no atacadão e comprou umas coisas pra fazer bolo de pote pra vender. Ela começou a vender bolo de pote e não é que deu certo?! No começo, ela colocava uns bolo em uma vasilha grande e ia lá pra estação de trem lá de Pirituba vender. Ela vendia tudo. Ai depois, começou a vender só em casa, os vizinhos tudo comprava. Ai meu tio, tem uma moto né, que ele trabalha de motóca, ai ele começou a fazer entrega pra ela. Ela postava nos status, no instagram, ai um ia indicando pros outros e quando a gente foi ver, ela tava vendendo demais.</p>
		<p>Ela nunca mais quer trabalhar fora, hoje em dia ela ganha muito mais do que ficar trabalhando pros outros. Ela entrou no Ifood, contratou uma menina lá pra trabalhar com ela, meu tio ajuda nas entrega... Ela ta suave agora.</p>
		<p>Pra minha mãe, pra minha família, a pandemia foi boa, porque mostrou pra ela que ela tem capacidade, que ela é dona do próprio negócio dela. Se não tivesse a pandemia, ela ainda ia ta la, trabalhando na casa dos outros, recebendo pouco e infeliz.</p>
		<p>Mas você viu o tanto de gente aqui da favelinha que abriu coisas também na Pandemia? Coisa de lanche, adega, tabacaria, mercadinho.... Acho que o povo aprendeu a se virar.</p>
<p>Impactos pós pandêmicos</p>	<p>Adolescentes que não se recordam da pandemia</p>	<p>Não é que passou rápido, na época não foi rápido, mas hoje eu olho e parece que foi coisa de quinze dias ou meses. Pra mim foi, o que eu lembro é que, sei lá, é que acordava pra ir pra escola e nem tinha aula.</p>
		<p>Eu nem lembro, gente! Nem lembro o que eu fiz (risadas). As aulas voltaram quando mesmo?</p>

		Pra mim esses anos nem existiram, passou assim, e já era. Como se 2019, 2020 e 2021, nem existiram. Só foi.
		Eu mesma, nem me lembro de muito detalhe, só de umas coisas.
	Retomada das atividades escolares	Eu tô no primeiro ano tendo matéria de sétimo. Foda vai ser recuperar o prejuízo depois, quando a gente chegar no ensino médio.
		Eu nem estudava direito, mais faltava do que ia. Só parece que a gente ficou mais burro, quando eu comecei a ir pra escola direito, eu não conseguia entender o que o professor falava.
		Parece que eu fiquei mais burra (risadas). Quando a escola voltou e não entendia nada que o professor falava.
		A gente voltou pra escola, parece que todo mundo tava estranho. O intervalo não é mais a mesma coisa sabe. Fora que tava tendo muita briga na escola e não era só na minha não, foi em várias. Tava passando até na televisão, varias brigas nas escolas.
		A Pandemia deixou o povo meio doido. Sei lá, meio antissocial.
	Luto	Acho que ficou diferente, as pessoas tem medo de acontecer alguma coisa agora, muitas famílias perderam pessoas que morreram, foi uma coisa muito triste. Isso muda as pessoas.
		Eles [avós] ficaram no hospital vários dias, mais aí minha vó conseguiu sarar e voltar pra casa, o meu vô não. Minha vó nem conseguiu ir no enterro do meu vô, porque ela tava internada. Até hoje minha vó fica triste e eu fico triste por ver ela assim, as vezes ela chora.
		Muita gente morreu. Acho que isso que mudou.

		<p>Minha mãe morreu em janeiro de 2021. Já tinha as vacinas no mundo, mas no Brasil não. Ai não deu tempo dela tomar. (...) Eu só queria que ela tivesse tido a oportunidade de ter tomado essa vacina. Talvez... (suspiro) ela estivesse aqui ainda.</p>
--	--	---

Fotos que registram o trabalho social realizado por organizações sociais durante a pandemia na Brasilândia em 2020



